RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 29/08/2025.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

PAOLA FONSECA RUSSANO

JUVENTUDE, FRACASSO ESCOLAR E ANALFABETISMO:
DOS ENTRAVES ÀS POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

ARARAQUARA – S.P.
2023

PAOLA FONSECA RUSSANO

JUVENTUDE, FRACASSO ESCOLAR E ANALFABETISMO:
DOS ENTRAVES ÀS POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho do Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Dias Prioste

ARARAQUARA – S.P.
2023

R958j

Russano, Paola Fonseca

Juventude, fracasso escolar e Analfabetismo : dos entraves as possibilidades de mudança / Paola Fonseca Russano. -- Araraquara, 2023

184 p. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara

Orientador: Claudia Dias Prioste

1. Juventude. 2. Mídia e Juventude. 3. Analfabetismo. 4. Fracasso Escolar. 5. Educação de Jovens e Adultos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

PAOLA FONSECA RUSSANO

JUVENTUDE, FRACASSO ESCOLAR E ANALFABETISMO: DOS ENTRAVES ÀS POSSIBILIDADES DE MUDANÇA

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho do Programa de Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Teorias Pedagógicas, Trabalho Educativo e Sociedade.

Orientador: Profa. Dra. Claudia Dias Prioste

Data da Defesa: 29/08/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Claudia Dias Prioste
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara – SP

Membro Titular: **Prof. Dr. Francisco José Carvalho Mazzeu**
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

Membro Titular: **Profa. Dra. Iracema Santos do Nascimento**
Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação – São Paulo -SP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Dedico este trabalho à minha avó Florisa *(in memoriam)* pois com ela aprendi a ser resistente sem perder a mansidão; a perceber as sutilezas presentes nas relações humanas; o profundo respeito pelas pessoas; o coser cotidiano que, entre linhas, botões, leituras e afetos, possibilitou-me ser uma educadora comprometida com a vida.
Dedico também à Nhá Chica, minha guia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de dizer o profundo respeito que tenho por todas as histórias que fizeram parte da constituição deste trabalho. A trajetória até o término da pesquisa me transformou de forma intensa como professora, como pesquisadora. Ao passo que perguntas e respostas foram se encontrando, adensavam-se contradições inerentes às descobertas.

Agradeço às pessoas ao meu redor, pois viveram comigo cada linha dessa escrita, sem receio de sacrificar horas me ajudando a olhar um mar de palavras na tentativa de expressar com exatidão o que era preciso. À minha filha Cecília Russano em especial, cujas madrugadas foram de compartilhamento de leituras além de seu olhar jovem que me auxiliou a ver melhor. Ao meu companheiro, Gabriel Soltanovitch, cuja objetividade e serenidade verteu leveza aos dias e foi imprescindível na análise de conteúdo. Aos meus pais, Maria das Dores Fonseca e Ismar Russano, agradeço pelo conhecimento e valores que prezo transmitidos desde a mais tenra idade.

À minha Orientadora, Professora Cláudia Dias Prioste, por me oportunizar o desenvolvimento desta pesquisa, por ter escolhido me acompanhar nessa trajetória que sabemos árdua, de forma sensível, empática, especialmente quanto ao público estudado. Aos professores da Pós-Graduação em Educação da UNESP pelo aprendizado. À linha teórica a qual fiz parte, em especial aos professores Newton Duarte e Francisco Mazzeu por possibilitarem mudanças profundas e necessárias na minha forma de compreender as teorias pedagógicas.

Ao grupo de estudos o qual fiz parte, cujo conhecimento e amizade me auxiliaram no aprofundamento desta pesquisa.

Aos amigos Salvador Coelho e Silvânia Francisca de Jesus pelos grupos de estudos que fazemos há tempos e que me iluminaram nesta caminhada.

À minha amiga Maria Alice Lima Garcia que me acompanha na trajetória educacional desde 2012 acolhendo minhas ideias e também as profundas contradições que preciso externalizar.

Ao CIEJA Campo Limpo, onde aprendo todos os dias o sentido genuíno da palavra *coletivo*. Em 2019, nossa primeira atividade do ano enquanto equipe gestora era dizer um sonho que gostaria de realizar. Eu falei qual era. Meu diretor não mediu esforços para que eu conseguisse realizá-lo. É este trabalho que apresento. Agradeço a coragem com que me contaminava nos momentos mais áridos em que conversamos. Agradecimentos aos funcionários, aos estudantes, à história que este espaço carrega e que tenho a honra de fazer parte. Ao Diego Elias, à Cristina Fonseca e à Flávia Diniz, amigos queridos com os quais

trabalho, meus sinceros agradecimentos. Às professoras Kelly Santos, Marta Miranda, Samara Annanias e Ana Karina Manson, que admiro profissionalmente e colaboraram intensamente com esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FCL) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, pela oportunidade.

À banca de defesa composta pela Professora Dra. Iracema Santos do Nascimento e pelo Professor Dr. Francisco de Carvalho Mazzeu, por acompanharem meu trabalho desde a qualificação, e fazerem parte desse momento tão importante na minha carreira enquanto docente e pesquisadora.

À Professora Dra. Eliza Maria Barbosa e o Professor Dr. Alessandro Augusto de Azevedo por gentilmente terem aceitado compor a suplência.

Enfim, agradeço a todos que me auxiliaram com suas experiências ao longo desse trabalho, tornando a chegada até aqui uma realidade.

> Do ponto de vista prático, trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade por meio da escola significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes.
>
> (Saviani, 2008, p. 25)

RESUMO

Essa pesquisa teve o objetivo principal de identificar quais foram as percepções de jovens em situação de analfabetismo sobre os entraves enfrentados no decorrer da educação básica regular. Para tanto foram investigadas as trajetórias escolares de um grupo de jovens de um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA) na cidade de São Paulo, considerando a faixa etária de dezoito a vinte e quatro anos e o fato de estarem frequentando a etapa de alfabetização da EJA. As indagações que conduziram essa pesquisa são: como foram as trajetórias escolares desse(a)s jovens na escola regular? Quais entraves estiveram presentes nessas trajetórias que impossibilitaram o aprendizado da leitura e da escrita? Como o(a)s jovens percebem esses entraves? Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, envolvendo análise documental e coleta de informações a partir de entrevistas e ligações telefônicas. Os contatos por ligação telefônica forneceram pistas em relação aos fatores que possam ter levado este(a)s jovens a evasão em seus percursos escolares atuais. Entre elas estão a descrença na escola, o uso de drogas, a desmotivação para estudar ou trabalhar, gravidez e ainda o fato de trabalhar e não conseguir ficar acordado nas aulas. Como resultado das entrevistas sobre os percalços vivenciados ao longo da trajetória escolar pregressa, o(a)s jovens relataram algumas barreiras para aprender a ler e escrever que se remeteram a aspectos diversos: intraescolares, familiares, comunitários e individuais. Esses fatores estão imbricados e refletem situações complexas. Entre os fatores mais explicitados pelo(a)s jovens estão os intraescolares como: a dificuldade de aprender na escola, a falta de apoio e orientação por parte dos professores, como passar de ano sem aprender. Também foram citados os preconceitos étnico-raciais e outros relacionados à aparência física e dificuldades de aprendizagem. O fracasso escolar na vida deste(a)s jovens se manifesta no fato de terem uma longa trajetória no ensino fundamental marcada por rupturas. Ele(a)s têm acesso à escola, permanecem nela, mas não aprendem. Em relação às trajetórias atuais, os desafios se relacionam à urgência na aprendizagem da leitura e escrita que possa oferecer condições mínimas de autonomia social e acesso ao mercado de trabalho. O(a)s jovens também destacam que esse processo deve acontecer em um ambiente acolhedor, com mediação docente mais próxima, constante e ativa, com a convivência intergeracional tão apreciada por ele(a)s.

Palavras-chave: Juventude; Mídia e Juventude; Analfabetismo; Fracasso Escolar; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This research had the main objective of identifying the perceptions of young people in a situation of illiteracy about the obstacles they faced during regular basic education. To this end, the school trajectories of a group of young people from a Youth and Adult Education Center (CIEJA) in the city of São Paulo were investigated, considering the age range from eighteen to twenty-four years old and the fact that they were attending the EJA literacy. The questions that led this research are: what were the school trajectories of these young people like in regular school? What obstacles were present in these trajectories that made learning to read and write impossible? How do young people perceive these obstacles? This is a research with a qualitative approach, descriptive and exploratory in nature, involving documentary analysis and collection of information from interviews and telephone calls. Telephone contacts provided clues regarding the factors that may have led these young people to drop out of their current school careers. Among them are disbelief in school, drug use, lack of motivation to study or work, pregnancy and even the fact of working and not being able to stay awake in class. As a result of the interviews about the setbacks experienced throughout their previous school career, the young people reported some barriers to learning to read and write that referred to different aspects: intra-school, family, community and individual. These factors are intertwined and reflect complex situations. Among the factors most explained by young people are intra-school factors such as: the difficulty of learning at school, the lack of support and guidance from teachers, such as passing the year without learning. Ethnic-racial and other prejudices related to physical appearance and learning difficulties were also mentioned. School failure in the lives of these young people is manifested in the fact that they have a long trajectory in elementary school marked by ruptures. They have access to school, stay there, but do not learn. In relation to current trajectories, the challenges are related to the urgency in learning to read and write that can offer minimum conditions of social autonomy and access to the job market. The young people also highlight that this process must take place in a welcoming environment, with closer, constant and active teaching mediation, with the intergenerational coexistence so appreciated by them.

Keywords: Youth; Media and Youth; Illiteracy; School Failure; Youth and Adult Education.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Distribuição de alunos por gênero. 108
GRÁFICO 2 - Percentual por grupo étnico 109
GRÁFICO 3 - Tempo de estudos no ensino fundamental I e II 110
GRÁFICO 4- Total de alunos por ano cursado. 111
GRÁFICO 5 - Reprovação x deixou de frequentar. 112
GRÁFICO 6 - Mudança de escola no curso do ensino fundamental 113
GRÁFICO 7 - Quantidade de alunos que se deslocaram no mesmo município 114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Barreiras do Passado.....118
Tabela 2 - Barreiras do Presente.....124
Tabela 3- Sonhos e Possibilidades de Mudança.....132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIEJA	Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos
CMCT	Centro Municipal de Capacitação e Treinamento
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EOL	Escola Online
FBSP	Fórum Brasileiro de Segurança Pública
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira
IA	Insuficiência Alimentar
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual e mais
MOBRAL	Movimento Brasileiro de Alfabetização
MOVA	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
ODS	Objetivo de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PENSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Estudante
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua
PNE	Plano Nacional de Educação
SED	Secretaria Escolar Digital
SME	Secretaria Municipal de Educação
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNICEF	Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância
PENSSAN	Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional
VIGISAN	Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 15
1 INTRODUÇÃO 17
2 CAPÍTULO I: JUVENTUDE E VULNERABILIDADES SOCIAIS 22
2.1 – Vulnerabilidades Sociais 23
2.2 - Desigualdades étnico-raciais 24
2.3 - Desigualdades expressas nas questões de gênero 26
2.4 – Trabalho e Juventude 29
2.5 – Outras vulnerabilidades do(a)s jovens brasileiros 32
2.5.1 – Acesso precoce ao álcool e drogas 32
2.5.2 – Os ambientes digitais 33
3 CAPÍTULO II: FRACASSO ESCOLAR, EDUCAÇÃO POPULAR E A QUESTÃO DO ANALFABETISMO 37
3.1 – O(a)s jovens e o fracasso escolar 37
3.2 – A Educação de Adultos, Educação Popular e os desafios do analfabetismo 46
4 CAPÍTULO III: PERCURSO METODOLÓGICO 55
4.1 - Tipo de Pesquisa 55
4.2 – O(a)s jovens e o local da pesquisa 55
4.3 – Análise Documental 57
4.4 – As entrevistas 58
5 CAPÍTULO IV: OS PERFIS DOS JOVENS DA PESQUISA 61
6 CAPÍTULO V: AS HIPÓTESES E PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS 90
6.1 - Barreiras enfrentadas pelos jovens 90
6.2 - Como os jovens reagem ao ter que ficar nas salas de alfabetização? 93
6.3 - Motivação do(a)s jovens para estudar após a pandemia 95
6.4 - Condições familiares 97
6.5 - Condições comunitárias 98
6.6 - Relação com as mídias 100
6.7 - Organização e metodologia da escola atual 101
6.8 - Saúde Mental 104
6.9 - Planos ou sonhos para o futuro 105
6.10 - Como a escola atual ajuda e o que precisa mudar 105
7 CAPÍTULO VI: PERCURSOS ESCOLARES: BARREIRAS E PERSPECTIVAS .. 107

7.1 – O que os históricos revelam: vínculos e rupturas com a escola 107
7.2 – Barreiras do percurso escolar pregresso 117
7.2.1 – Aspectos intraescolares 118
7.2.2 – Aspectos familiares 121
7.2.3 – Condições Comunitárias 122
7.2.4 – Aspectos individuais 123
7.3 – Barreiras atuais 123
7.3.1 – Aspectos intraescolares e familiares 124
7.3.2 – Condições Comunitárias 125
7.3.3 – Hábitos no uso das Mídias 126
7.3.4 – Aspectos individuais 129
7.4 – Sonhos, perspectivas e possibilidades de mudanças 131
7.4.1 – Contribuições e melhorias na EJA 132
7.4.2 – Sonhos, perspectivas e possibilidades de mudança 134
8 CAPÍTULO VII: CONSIDERAÇÕES FINAIS 136
REFERÊNCIAS 141
ANEXOS 150
Anexo I - Questionário e entrevista com o(a)s jovens da EJA 150
Anexo II - Questionário e entrevista com os professores da EJA 156
Anexo III – Relatos dos estudantes distribuídos por categoria 159
Anexo IV – Ficha Cadastral e Diagnóstico Ciclo I e Ciclo II 176

APRESENTAÇÃO

A escola pública esteve presente em grande parte da minha trajetória como aluna e mais tarde, como educadora. Cursei o ensino fundamental e o magistério em escola municipal e estadual no sul de Minas Gerais, onde tive intenso contato com jovens do campo, uma vez que a cidade em que morei na infância e juventude tinha a maior parte do seu território em área rural. Esse fato marcou minha entrada na educação como professora alfabetizadora em uma escola municipal pequenina, localizada em uma comunidade rural, a 30 km do centro da cidade. Nesse local tive a oportunidade de trabalhar com práticas de alfabetização voltadas às crianças de seis anos, fato esse que repercutiu em minhas escolhas posteriores como educadora e pesquisadora.

Em 2006 ingressei por concurso público na Secretaria de Educação Estadual de São Paulo, como Professora de Educação Básica I na capital paulista. Permaneci nesse cargo por doze anos, dos quais oito foram destinados à sala de aula e quatro à coordenação pedagógica. Esse período foi marcado pelas práticas pedagógicas nas séries do Ensino Fundamental I das quais destaco o trabalho com um 3º ano mediante o Programa Intensivo de Ciclo (PIC) no ano de 2007, que objetivava sanar as defasagens na alfabetização em relação ao ano/série em que estudavam. Com pouco tempo de experiência docente, o trabalho com essa turma me proporcionou uma experiência com crianças cujas dificuldades precisavam ser sanadas em um ano letivo para que no ano seguinte fossem inseridas novamente nas turmas regulares que correspondiam ao seu percurso anterior. Os resultados desse processo foram perturbadores, uma vez que essas crianças foram segregadas e novamente recolocadas nos agrupamentos de origem. Essa experiência docente me mostrou o quanto as ações ofertadas não conseguiram corresponder às reais necessidades daquelas crianças.

Em 2015 iniciei meu trabalho docente na prefeitura do município de São Paulo, com ingresso também por concurso público como Professora de Ensino Infantil e Fundamental I. Em 2018 fui convidada a trabalhar como Assistente Pedagógica Educacional, na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Desde então venho observando com mais cautela o(a)s estudantes que procuram o segmento da EJA para se alfabetizar. São diversas faixas etárias, sendo possível perceber as diferentes experiências dos estudantes com os processos de escolarização, seu acesso e permanência bem como os desafios de ambos. Entre essa diversidade de estudantes, o(a)s jovens que não estavam alfabetizados me instigaram ao desenvolvimento dessa pesquisa.

De forma particular, coloco-me o desafio de entender os fatores que possam ter prejudicado o desenvolvimento da alfabetização, no curso do ensino fundamental na rede regular de ensino. Assim, com olhar atento, tentei me aproximar desse(a)s jovens e suas trajetórias com o objetivo de revelar esses possíveis elementos.

1 INTRODUÇÃO

Na América Latina e no mundo o(a)s jovens têm diferentes experiências, cuja condição juvenil é fator determinante, seja nas relações familiares, comunitárias e sociais. Não obstante, a juventude das camadas populares luta cotidianamente pela sobrevivência e vive as contradições sociais refletidas nas suas demandas mais imediatas como: alimentar-se, vestir-se e estudar. A definição da categoria juventude nesta pesquisa se apoia nos estudos de Helena Wendel Abramo (2005), cuja categorização está articulada em função de dois conceitos: o juvenil e o cotidiano. Para autora, o juvenil remete à construção da identidade em um processo psicossocial indissociável do cotidiano, isto é, do contexto em que esse processo se realiza, em meio às relações e práticas sociais.

As periferias no contexto de vida do(a)s jovens das camadas populares não se reduzem aos espaços de falta, de ausências e carências de diversos recursos ou equipamentos públicos. Esses lugares, embora estejam relacionados de forma constante com situações de violência, antes, constituem-se repleto de sentidos, em que a juventude se reconhece, com suas construções afetivas e simbólicas, considerando que, no período juvenil, segundo Abramo (2005) a construção da identidade se constitui como elemento nuclear e nesse processo estão imbricados alguns fatores de ordem histórica, cultural, social, familiar e individual.

Entre os espaços sociais que a juventude frequenta está a escola que, de certa forma, é o equipamento público com maiores possibilidades de interação com seus pares. No entanto, na vida do(a)s jovens das camadas populares, os percursos escolares ocorrem de forma heterogênea, ou seja, as experiências podem ser marcadas por interesses, passividades, conformismos, resistências e ter uma expansão temporal também diversificada. Essas experiências, segundo Dayrell (2007) são expressões de como cada um elabora a tensão entre o ser jovem e o ser aluno. Para esse autor, o(a)s jovens vivenciam a ambiguidade entre a valorização dos estudos como promessa futura para que possam alcançar condições mínimas para entrada no mercado de trabalho e uma possível falta de sentido que encontram para seguir os estudos no presente.

Além disso, os jovens que vivem em condições de vulnerabilidades sociais e econômicas, com frequência, vivenciam situações de fracasso escolar. Nesse sentido, nesta pesquisa, o fracasso escolar pauta-se na perspectiva da construção de uma relação com o saber conforme esclarece-nos Charlot (2000). O autor defende que cada pessoa constrói, de forma singular, sua

relação com o saber, e que mesmo à sombra de experiências de fracasso que podem acontecer em diversos períodos da vivência escolar, o sujeito pode elaborar tal experiência de forma atuante, não passiva. Charlot explicita que existe uma desigualdade social quanto à escola, mas que outro ponto necessário para compreender essa desigualdade é pensar o aluno como sujeito (Charlot, 2005). Assim, essa pesquisa investigou os percursos escolares de um grupo de jovens da EJA com o objetivo de identificar os aspectos que podem ter dificultado seus processos de alfabetização.

No Brasil uma série de barreiras impede que crianças e adolescentes estejam na escola ou dificultam seus percursos escolares. Segundo Nascimento (2012), as barreiras socioculturais para a escolarização, identificadas em uma pesquisa de 2012, envolviam entre outros aspectos: a discriminação racial, a exposição à violência e a gravidez na adolescência; barreiras econômicas, que diziam respeito à pobreza e ao trabalho infantil; barreiras relacionadas às ofertas educacionais com apresentação de conteúdos distantes da realidade dos alunos; a não valorização dos profissionais de educação; o número insuficiente de escolas; a falta de acessibilidade para alunos com deficiência; de condições precárias de infraestrutura e de transporte escolar; e ainda as barreiras políticas, financeiras e técnicas que tratavam da insuficiência de recursos destinados à educação pública brasileira. Essas barreiras exprimiram a complexidade que envolvia o atendimento educacional brasileiro há uma década e a profundidade de seus desafios, com repercussões nos dias atuais.

No município de São Paulo, em 2010, aproximadamente um milhão de jovens não tinha concluído a etapa da educação básica, o que representava 12% da população da cidade com 15 anos ou mais (Catelli; Pierro; Girotto, 2019). Uma vez que esse contingente de jovens não concluiu essa etapa de ensino na escola regular, a EJA tem um papel importante e desafiador de recebê-los cada vez mais cedo e em número expressivo. Em 2019, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), estimou-se que havia no Brasil 11 milhões de pessoas, com 15 anos ou mais de idade, consideradas analfabetas, o equivalente a uma taxa de analfabetismo de 6,6%. Ao mesmo tempo, no município de São Paulo, onde a presente pesquisa foi desenvolvida, estabeleceu-se como meta 10 do Plano Municipal de Educação, superar o analfabetismo absoluto na população com 15 (quinze) anos ou mais e ampliar a escolaridade média da população durante a sua vigência, que será até 2025 (São Paulo, 2015). Os índices supramencionados evidenciam a relevância de pesquisas que contribuam para explicitar quais são as dificuldades enfrentadas pelo(a)s jovens para se alfabetizarem.

Se o término da educação básica é uma situação desafiadora, a exemplo da capital paulista, outros fatores podem surgir decorrentes dessa situação. Na educação básica se constituem a apropriação da leitura e da escrita, bem como as elaborações com base nessas habilidades. Portanto, o curso interrompido nessa etapa pode ter impactos sociais importantes, sendo uma delas a perpetuação do analfabetismo. A questão do analfabeto nessa pesquisa se apoia nas ideias de Pinto (1994) para quem essa condição tem origem no conjunto das relações sociais; é, portanto, concreta, com raízes nas circunstâncias históricas.

De forma complementar, foi realizada uma revisão de literatura nas seguintes bases: Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações; Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP; Repositório Institucional da Unesp; plataforma Periódicos da Capes e Scopus. Nas bibliotecas citadas foram usadas palavras chave sem combinações para que fosse possível um retorno mais ampliado. Foram elas: analfabetismo, educação de jovens e adultos, jovens, juventude, percursos escolares e trajetórias escolares. Nas plataformas de periódicos, as expressões formaram combinações como "analfabetismo e jovens", "analfabetismo e juventude" e outras combinações a partir das palavras citadas. O cenário do atendimento educacional ofertado aos jovens que procuram o segmento da EJA apresenta uma complexa situação que envolve entre outros temas, a condição juvenil, vulnerabilidades sociais, evasão, repetência, progressão continuada, políticas de recuperação escolar, fracasso escolar, além da história do Brasil em relação à educação popular. Sobre fracasso escolar foram importantes as contribuições de dois estudos de diferentes períodos históricos. O primeiro foi de Angelucci et al. (2004) que revelou o estado da arte sobre fracasso escolar de 1991 a 2002. As autoras revelaram algumas vertentes de se compreender o fracasso escolar nesse período que foram: "problema essencialmente psíquico; como problema meramente técnico; como questão institucional; como questão fundamentalmente política" (Angelucci et al., 2004, p. 51). Outro estudo abarcando um período subsequente foi de Pezzi e Marin, cujas concepções sobre o fracasso escolar no período de 2009 a 2014, segundo as autoras, continuavam "a culpabilizar de modo particular os alunos, suas famílias ou seus professores e/ou a escola pelo fracasso escolar, quando na verdade tais dimensões precisam ser consideradas de forma conjunta diante da complexidade do fenômeno" (2017, p. 11).

A escolha pela investigação dos entraves de alfabetização na trajetória do(a)s jovens decorre da percepção de lacunas na abordagem dessa questão devido à sua especificidade. As diversas pesquisas encontradas aprofundam a temática da escolarização juvenil em outras perspectivas. Assim, este trabalho se propõe a uma investigação mais específica dos aspectos

que levaram jovens a uma condição de analfabetismo, ainda que tenham vivenciado a escolarização básica. Do(a)s jovens que procuram a EJA para a conclusão da educação básica, este grupo chama atenção pela fragilidade da condição em que chegam nessa modalidade de ensino.

A pesquisa foi desenvolvida em um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), local historicamente marcado pela luta por moradia e participação intensa de grupos religiosos e líderes comunitários desde sua incorporação ao município de São Paulo até a expansão do território que ganhou amplitude no final dos anos setenta. A região atualmente se constitui de uma parte significativa da população que habita em áreas de favela, situação que mantém os moradores nos movimentos por habitação. Ainda que a história reflita as lutas locais, as situações de vulnerabilidade estão na vivência das pessoas que habitam a região, refletidas nos índices de ocorrências quanto à criminalidade, divulgados pela Secretaria de Segurança Pública. É nesse contexto que essa pesquisa foi iniciada, integrando o projeto Juventude e Cibercultura, que tem como objetivo investigar a interpretação de jovens sobre suas experiências nos ambientes digitais com o intuito de analisar possíveis impactos dessas vivências em suas vidas (Prioste, 2022).

Nesta pesquisa, a questão principal é: qual interpretação do(a)s jovens em relação aos fatores que contribuíram para a situação de analfabetismo? E, a partir dessa questão foram elencadas algumas indagações que são: quais foram os principais entraves para aprender a ler e a escrever? Como foram suas trajetórias escolares? Quais os principais entraves nessas trajetórias? Os hábitos do(a)s jovens em relação às mídias podem ter afetado o interesse pela escola? Quais foram as principais condições familiares e comunitárias que podem ter contribuído para as dificuldades em seus percursos escolares? De que forma a educação ofertada na EJA pode contribuir a fim de minimizar esses entraves? Diante das questões colocadas, algumas hipóteses aparentemente podem estar relacionadas. São elas: sistema escolar que não identifica e trata as dificuldades do processo de alfabetização apresentada pelo(a)s jovens ao longo da educação básica, exposição do(a)s jovens à violência que se agrava com o fator da discriminação racial, assimilação de uma condição de fracasso nas relações escolares, exposição do(a)s jovens a hábitos televisuais e acesso precoce ao álcool e outras substâncias psicotrópicas ilegais.

A metodologia utilizada foi qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, com análise de dados de históricos escolares do(a)s jovens envolvidos na pesquisa, bem como aplicação de

entrevistas coletivas e individuais. A primeira parte da pesquisa foi desenvolvida com base nos documentos escolares fornecidos pela unidade onde o(a)s jovens estudavam. Para análise dos dados foram criadas categorias a partir das informações obtidas no *corpus* documental. A segunda parte foi desenvolvida por meio de coleta de dados em entrevistas com uma parte dos jovens, cujos históricos foram analisados. Para complementar e triangular as informações, também foram entrevistadas professoras que o(a)s atendiam na EJA. As perguntas foram organizadas em uma entrevista semiestruturada, que segundo Lüdke e André (2020) se caracteriza por ser um instrumento flexível que parte de um roteiro de referência, porém permite adaptações em caso de necessidade.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: os dois primeiros capítulos foram estruturados com o objetivo de compor um panorama sobre os temas principais da pesquisa, ou seja: a juventude e as vulnerabilidades sociais; o fracasso escolar e a questão do analfabetismo. No capítulo um foram elencadas algumas vulnerabilidades que podem prejudicar a relação de permanência e desenvolvimento do jovem na escola. O capítulo dois propõe reflexões sobre algumas perspectivas sobre o fracasso escolar e também uma abordagem do analfabetismo no Brasil com alguns elementos ao longo da história até os dias atuais. No capítulo três foi empreendida uma descrição do percurso metodológico desenvolvido para aprofundamento do problema da pesquisa. Por fim, os capítulos quatro, cinco e seis se constituem dos resultados da análise documental e análise temática de conteúdo organizada com base nas entrevistas com o(a)s jovens.

Espera-se com essa pesquisa explicitar alguns aspectos que levaram o(a)s jovens a uma situação de analfabetismo no seu percurso escolar, bem como, fornecer subsídios para políticas educacionais mais assertivas voltadas ao público jovem da Educação de Jovens e Adultos.

8 CAPÍTULO VII: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve o propósito de explicitar as interpretações de um grupo de jovens da EJA sobre as barreiras que estiveram presentes em suas trajetórias escolares e que podem ter contribuído para uma condição de analfabetismo. Também buscou-se compreender de que forma a educação ofertada nessa modalidade pode contribuir para minimizar esses entraves. O grupo pesquisado foi constituído por vinte e cinco jovens que estavam matriculados nas salas de alfabetização de um Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). Desse grupo, foram analisados os percursos escolares na educação básica por intermédio dos históricos escolares e, posteriormente, foram realizadas entrevistas com seis jovens que continuaram a frequência às aulas presenciais, além de contato telefônico com aquele(a)s que evadiram.

Em síntese, dos percalços vivenciados ao longo da trajetória escolar pregressa, o(a)s jovens relataram algumas barreiras para aprender a ler e escrever que se remeteram a aspectos intraescolares, familiares, comunitários e individuais. Esses aspectos foram descritos separadamente para possibilitar a análise criteriosa dos mesmos e a recorrência em que aparecem nos relatos. No entanto, são fatores que estão imbricados e refletem situações complexas. Importante ressaltar que entre esses aspectos, os intraescolares são recorrentes e envolvem a maioria das barreiras percebidas pelos estudantes em detrimento das que se referem aos outros aspectos. Assim, em relação aos fatores intraescolares foram explicitados: a dificuldade de aprender na escola, a falta de apoio e orientação por parte dos professores para a superação dessas dificuldades; o artifício de as escolas aprovarem os alunos (passar de ano) sem que eles tivessem aprendido o que era esperado para a etapa; os ambientes barulhentos e as bagunças dificultando a concentração; os preconceitos étnico-raciais, e aqueles relacionados à aparência física ou às dificuldades de aprendizagem; a falta de paciência dos professores; o uso de drogas dentro da escola e o número excessivo de alunos por sala. Os três primeiros fatores relatados apareceram de forma recorrente em relação a todos os outros aspectos seja intraescolar, familiar, comunitário ou individual.

No que se refere às questões familiares no percurso passado foram relatadas: ausência de um familiar para acompanhar sistematicamente os estudos; conflitos (brigas); luto por perdas de familiares/ problemas de saúde mental (depressão, alcoolismo) e traumas familiares decorrentes de violência sexual (estupro). Desses aspectos, o primeiro foi relatado por mais jovens entre as outras questões explicitadas. Foi possível perceber que as histórias do(a)s jovens

e suas famílias carregam sofrimentos que impactam as relações nucleares de convivência que tendem a se agravar em meio às condições comunitárias, pois estiveram presentes nos relatos a questão da violência no bairro, a falta de acesso à educação infantil e aos serviços básicos de energia elétrica. As situações de violência no bairro foram relatadas pelo(a)s jovens que estudam no turno da manhã de forma que combinam elementos do tempo passado e situações vivenciadas na ocasião das entrevistas. Por fim, as questões de ordem individual envolveram relatos de dislexia; déficit de atenção; timidez; dificuldade de aprender na escola; sonolência causada por medicações e uso de drogas. Algumas dessas questões se remetem à escola, mas também ao acesso ineficaz aos serviços de saúde.

Nas trajetórias atuais, as barreiras explicitadas foram: dificuldade de aprender na escola e vergonha decorrente desse fator; conflitos familiares que envolvem alcoolismo, brigas e situações de violência física e psíquica; violência no bairro e insegurança ao sair em determinados horários por medo de assaltos; violência de gênero com receio de assédio ou estupro; discriminação social dentro do próprio bairro; e, por fim, a ausência de valorização dos estudos na comunidade, especialmente por seus pares. Os aspectos que foram destacados em relação ao bairro continuam a impactar as famílias, e, de forma acentuada, as mulheres.

Entre aspectos individuais, foram relatados insônia, ansiedade, compulsão, vícios, uso de medicações, luto, dores corporais, gravidez, dificuldade de aprender na escola, cansaço proveniente do trabalho, falta de interesse por trabalhar ou estudar e dedicação às tarefas domésticas. O uso das mídias foi um tema de interesse nas entrevistas, e por esse fator, os relatos revelam detalhes que em alguma medida causam impacto na continuidade dos estudos. Entre os aspectos explicitados estão: o uso excessivo do celular; sonolência na escola pelo uso de telas à noite; desincentivo dos estudos presentes nas mídias, sensação de fuga da realidade no ambiente virtual; estímulo a padrões de beleza causando impactos na autoestima; acesso às redes em detrimento dos estudos; exposição às notícias falsas e contato com pessoas desconhecidas. Nesse aspecto, é importante destacar que as professoras observam o uso das mídias como recurso para compensar a dificuldade em ler e escrever que possa acontecer por intermédio de aplicativos. Essa situação que aparentemente auxilia o(a)s jovens, faz-se controversa, uma vez que a facilidade decorrente desse uso pode agravar as dificuldades apresentadas em ler e escrever de forma autônoma. Sobre esse aspecto, também merece destaque o fato de o(a)s estudantes buscarem disfarçar as dificuldades que apresentam. Segundo as professoras, esse aspecto é mais desafiador quando envolve a exposição diante de seus pares. Nas entrevistas o disfarce também foi perceptível, pois assumir a questão do analfabetismo na

juventude, envolve recordar cenas do passado e do presente envolvendo sofrimento e vergonha, ambas as situações frequentemente relatadas por ele(a)s.

Entre as hipóteses elencadas nesta pesquisa, identificou-se que a primeira delas foi explicitada de forma recorrente nos aspectos intraescolares pelo(a)s jovens, ou seja, para esse grupo o sistema escolar não identifica e trata as dificuldades do processo de alfabetização apresentada ao longo da educação básica, ou se identifica, não as trata de forma que ele(a)s se sintam assistidos no ambiente escolar. A segunda hipótese, que foi a exposição do(a)s jovens à violência que se agravou com o fator da discriminação racial, foi relatada de forma parcial pelo(a)s estudantes, cujas situações de preconceito foram vivenciadas dentro do ambiente escolar na infância e fora dele, na atualidade, com manifestações percebidas na comunidade. Tais preconceitos parecem ter contribuído para o absenteísmo escolar. Sobre a questão étnico racial é importante explicitar que dos seis jovens entrevistados, três dele(a)s não haviam fornecido autodeclaração, o que pode ter ocorrido por vergonha ou falta de entendimento, mas que tende a ser um fator que impacta na análise de seus relatos. Sobre a hipótese de assimilação de uma condição de fracasso nas relações escolares foi possível identificar o sentimento de solidão e vergonha por não conseguirem aprender; o fato de não quererem mais estudar e a expressiva condição de evasão que foi evidenciada neste grupo.

Os contatos por ligação telefônica forneceram pistas em relação aos fatores que possam ter levado este(a)s jovens a evasão. Entre elas estão a descrença na escola, uso de drogas, desmotivação para estudar ou trabalhar, gravidez e ainda o fato de trabalhar e não conseguir ficar acordado nas aulas. Em relação à hipótese de exposição do(a)s jovens a hábitos televisuais não foi possível identificar indícios nas barreiras passadas. O impacto decorrente das mídias é um fator que apareceu somente nos relatos das vivências dos jovens na atualidade. Por fim, o acesso precoce às substâncias psicotrópicas não foi relatado no grupo entrevistado. Porém, foi explicitado em contato telefônico pela mãe de um dos estudantes, cuja escolaridade básica foi interrompida por um episódio de overdose.

O fracasso escolar na vida deste(a)s jovens se manifesta no fato de terem uma longa trajetória no ensino fundamental e não conseguirem aprender a ler e escrever um bilhete simples. Também se manifesta na forma de passar de ano sem saber os conteúdos necessários para seguir sua escolarização. Ele(a)s têm acesso à escola, permanecem nela, mas não aprendem. Seus percursos escolares são marcados por rupturas. Essa fragmentação decorre do fato de não conseguirem aprender e não terem um apoio escolar efetivo, de situações de

preconceito estruturais que se manifestam no interior da escola e se relacionam com fatores étnicos, aparência física e com o fato de não aprenderem. De forma complementar, estão relacionadas ao fenômeno do fracasso escolar, as condições de vulnerabilidades a que estão expostas as famílias em relação à violência, à depressão, ao desenraizamento daquelas que vieram para a capital em busca de melhores condições de vida e não contam com uma rede de apoio à qual possam solicitar auxílio.

De maneira incisiva, o analfabetismo com o qual este(a)s jovens convivem, cerceia desde a realização de tarefas do cotidiano como ir ao mercado, sair para passear, andar no transporte público, namorar, até situações que impactam o orçamento doméstico, pois o trabalho é algo difícil de se viabilizar à vista da falta da leitura e escrita. Além disso, o mercado de trabalho exige certificações sem as quais as oportunidades de emprego se restringem. As situações descritas acima são constantemente assombradas pelo medo de se perder, passar vergonha, não saber como se virar sozinho(a) e, com frequência necessitar ser acompanhado por algum familiar ou conhecido. Enfim, o analfabetismo para este(a)s jovens se manifesta na condição de falta de liberdade, de não se locomover para além dos bairros próximos, de acesso precário ao trabalho, da vergonha ao longo da vida escolar, e, acima de tudo, da falta de perspectiva para uma vida melhor. Para este grupo, o uso das mídias representa um fator controverso que pode aprofundar os problemas de alfabetização uma vez que os recursos são usados como forma de compensar a fragilidade na leitura e na escrita, situação essa que dificulta a construção da autonomia.

Os desafios da EJA, considerando o fator do número expressivo de evadidos deste grupo, relacionam-se com uma alfabetização urgente, sem delongas, que possa fornecer aos jovens o conhecimento que lhes foi negligenciado. Isso deveria ocorrer sem situações de mascaramento de suas dificuldades. A figura do professor(a) se faz importante nesse cenário, pois foi explicitado pelo(a)s estudantes em vários momentos a necessidade de um acompanhamento de suas atividades. Nesse cenário, é importante problematizar as condições em que trabalham o(a)s professore(a)s, especialmente aquele(a)s que lecionam no início da educação básica. Entre alguns aspectos, é possível destacar a quantidade de estudantes por sala e a dificuldade de intervir de forma individualizada levando em consideração as necessidades de cada um(a). O(a)s jovens relataram de forma acentuada a importância da presença atuante do(a) professo(a)r e o fato de poder contar com sua mediação e atenção de forma mais constante e ativa, se possível em uma proposta de dupla regência. Outro fator relatado como positivo foi a flexibilização de horários de aula juntamente com a carga horária reduzida, uma vez que a

busca por trabalho nesse grupo vai se configurando urgente. Quanto aos sonhos e perspectivas, cinco dos jovens entrevistados sonham em continuar os estudos para além do ensino fundamental e acreditam que a EJA está auxiliando para que alcancem o que almejam, pois percebem que estão aprendendo não apenas a ler e escrever como também se expressar de diversos modos.

Como contribuição para o campo da Educação Escolar esta pesquisa revelou a importância de uma intensa atenção e apoio sistematizado às crianças que estão no processo de alfabetização. Assim como foi explicitado em relação ao ensino na EJA, é necessário que os ambientes escolares sejam acolhedores, tanto em relação às dificuldades de cada um(a) como com verdadeiro respeito à diversidade de crianças que ali adentram, sem mascaramento das dificuldades por meio da progressão automática. De forma também urgente, se faz importante uma educação midiática efetiva, pois na atualidade o uso das mídias é um fator que exerce importante influência na escolarização das crianças e jovens.

Em relação às contribuições para a EJA, algumas perspectivas aparecem em relação a minimizar os impactos causados durante as trajetórias escolares passadas. Na atualidade, o ambiente de aprendizagem que acolhe, respeita, dialoga, escuta, motiva e ensina foi explicitado como algo muito valioso e propulsor de melhorias. O(a)s jovens entrevistados relataram a importante contribuição que a convivência em sala de aula com as pessoas mais velhas proporciona. Ele(a)s gostariam ainda de contar com apoio psicológico dentro da escola. Para este grupo, a escola representa um espaço que pode trazer melhorias para suas vidas. Ele(a)s depositam na EJA a expectativa de se alfabetizarem, poder concluir seus estudos no ensino fundamental com alguma autonomia, a despeito dos prejuízos vividos anteriormente e almejam ter condições de acessar o mercado de trabalho ou mesmo buscar melhorias nesse sentido. A formação para o trabalho é também uma questão relevante para estes jovens, juntamente com o ambiente de estudos. Para que isso seja possível, a questão da alfabetização precisa ser resolvida com urgência e com uma sistemática que responda às demandas emergentes deste público, para que as possibilidades de mudança sejam de fato possíveis.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel; VENTURI, Gustavo Venturi; CORROCHANO, Maria Carla. ESTUDAR E TRABALHAR: Um olhar qualitativo sobre uma complexa combinação nas trajetórias juvenis. **Novos estudos CEBRAP**, v. 39, n. Novos estud. CEBRAP, 2020 39(3), p. 523–542, set. 2020.

ABRAMO, Helena Wendel. **O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro**. In Maria Virginia Freitas. (Org.). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais (pp. 19-35). São Paulo: Ação Educativa, 2005.

ANGELUCCI, Carla Biancha et al.. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 1, p. 51–72, jan. 2004.

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica**. Em Aberto, Brasília, ano 11, n. 53, 1992.

BAHIA, Norinês Panicacci. **O fracasso escolar e a reclusão dos excluídos**. São Paulo: Alexa Cultural, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2021.

BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e Educação Popular.** Brasília: Liber Livro Ed. 2004.

BEISIEGEL, Celso de Rui. Considerações sobre a política da União para a educação de jovens e adultos analfabetos. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, Jan./Abr. 1999, nº 4, p. 26-34.

BRAGA, Ana Carolina.; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, p. 24–46, 2017. DOI: 10.22633/rpge.v21.n1.2017.9986. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9986. Acesso em: 7 nov. 2022.

BRASIL. **Constituição (1934)** Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em 22 nov. 2022

BRASIL. Decreto-lei **nº 4.958**, de 14 de novembro de 1942. Institui o Fundo Nacional do Ensino Primário e dispõe sobre o Convênio Nacional de Ensino Primário. Disponível em:https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4958-14-novembro-1942-414976-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em 22 nov. 2022.

BRASIL. Emenda Constitucional **nº 59**, 11 de novembro de 2009; disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc59.htm Acesso em 1 jul. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Atlas da Violência**. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/2898-atlasdaviolencia2017completo.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). **Trabalho Decente e Juventude**. Brasília: 2015. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/5874/1/Juventude%20e%20trabalho%20informal%20no%20Brasil.pdf. Acesso em 20 mar. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação básica 2020**: resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília: Inep, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 4º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2022**. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022. Acesso em 25 ago 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Relatório do 3º ciclo de monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação – 2020** [recurso eletrônico]– Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.

BRASIL. Lei **nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. (1996, 23 de dezembro). Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União, seção 1.

BRASIL. Lei **nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1° e 2º graus, e dá outras providências. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html. Acesso em 22 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **I Plano Setorial de Educação e Cultura 1972-74**. Brasília, DF: MEC, 1971.

BRASIL. Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Disponível em https://brasil.un.org/pt-br Acesso 18 nov. 2022.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal **nº 13.005/2014** de 25/06/2014. Brasília: MEC, 2014.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Governo. **Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017**: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes / Secretaria de Governo da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo, 2017. Disponível em https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/10/fbsp-vulnerabilidade-juveni-violencia-desigualdade-racial-2017-relatorio.pdf Acesso em 19 nov. 2022.

BRASIL. Resolução SE **nº 4**, de 15 de janeiro de 1998. Dispõe sobre normas a serem observadas na composição curricular e na organização escolar. Disponível em http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/diretrizes_p1083-1087_c.pdf Acesso em 29 Ago. 2022.

BRASIL. Resolução **nº 1**, de 28 de maio de 2021. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional

de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância. Disponível em https://in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-1-de-28-de-maio-de-2021-323283442 Acesso em 22 nov. 2022.

CALDAS, Roseli Fernandes Lins. **Recuperação escolar: discurso oficial e cotidiano educacional: um estudo a partir da psicologia escolar**. **2010**. 264 f. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **O que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?** Nota Técnica, Mercado de trabalho n.53 nov. 2012, IPEA. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3855/1/bmt53_nt03_jovens.pdf

CARVALHO, Marília Pinto de. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu** [online]. 2004, n. 22 [Acessado 29 Agosto 2021] , pp. 247-290. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100010>. Epub 15 Ago 2006. ISSN 1809-4449. https://doi.org/10.1590/S0104-83332004000100010.

CASTRO, Mary Garcia. (ORG). **Juventude, Gênero, Sexualidade, Família e Escola**. Série Cadernos FLACSO Número 14. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em http://flacso.org.br/files/2018/12/Cadernos-Flacso-N-14-Juventude-Ge%CC%82nero-Sexualidade-Fami%CC%81lia-e-Escola.pdf. Acesso em: 2 jan. 2023.

CATELLI JR., Roberto.; DI PIERRO, Maria Clara.; GIROTTO, Eduardo Donizeti.. A política paulistana de EJA: territórios e desigualdades. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 30, n. 74, p. 454-484, maio 2019. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-68312019000200454&lng=pt&nrm=iso>. Epub 22-Out-2019. Acesso em: 4 dez. 2022.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. O sociólogo, o psicanalista e o professor. In L.M. Mrech (Org.). **O Impacto da Psicanálise na Educação**. São Paulo: Editora Avercamp, 2005; p. 33-55.

CORROCHANO, Maria Carla [et al.]. **Jovens e trabalho no Brasil: desigualdades e desafios para as políticas públicas.** São Paulo: Ação Educativa, Instituto Ibi, 2008.

COUTO, Mia. Murar o medo. In: **Conferência do Estoril sobre Segurança,** 2011, Estoril. Disponível em: https://www.miacouto.org/tag/conferencia-de-estoril/ Acesso em 20 nov. 2022.

COSTA, Ana Paula Motta.; BARROS, Betina Warmling. “Traficante não é vagabundo”: trabalho e tráfico de drogas na perspectiva de adolescentes internados. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 4, p. 2399–2427, out. 2019.

DADOORIAN, Diana. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2003, v. 23, n. 1 [Acessado 4 Dezembro 2022], pp. 84-91. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100012>. Epub 30 Ago 2012. ISSN 1982-3703. https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100012.

DAYRELL, Juarez. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, p. 1105-1128, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 5 abr. 2022.

DI PIERRO, Maria Clara, JOIA, Orlando e RIBEIRO, Vera Masagão.Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cadernos CEDES** [online]. 2001, v. 21, n. 55 [Acessado 3 novembro 2021], pp. 58-77. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300005>. Epub 27 Ago 2001. ISSN 1678-7110. https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300005.

DUFOUR. Dany Robert. **A Arte de Reduzir as Cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

FERRARO, Alceu Ravanello. **História Inacabada do analfabetismo no Brasil**. São Paulo, Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática de Liberdade**. 47ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19** – Nota técnica, 16 de abril de 2020. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-v3.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Panorama da violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no Brasil**. 2021. Disponível em https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes-no-brasil.pdf Acesso em 20 nov. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Pobreza Menstrual no Brasil, Desigualdade e Violações de Direitos**. 2021. Disponível em https://www.unicef.org/brazil/media/14456/file/dignidade-menstrual_relatorio-unicef-unfpa_maio2021.pdf. Acesso em 20 nov. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **The State of Food Security and Nutrition in the World**. 2021. Disponível em file:///C:/Users/User/Downloads/SOFI2021_Report_EN_FINAL_1.pdf Acesso em 19 nov. 2022.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira.; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito Contra Analfabeto**. São Paulo: Cortez Editora, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas S.A., 1989.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Cartilha do módulo, situação do aluno 2021**.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional para Amostra de Domicílios Contínua. 2019**. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101736_informativo.pdf. Acesso em 25 abr. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf. Acesso em 7 fev 2021.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares, as razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LEÓN, Oscar Dávila. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In Maria Virginia Freitas. (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais** (pp. 19-35). São Paulo: Ação Educativa, 2005.

LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro.; SUZUKI, Mariana Akemi. Medicalização dos problemas de comportamento na escola: perspectivas de professores. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 46–54, jan. 2016.

LÜDKE, Menga.; ANDRÉ Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: E.P.U., 2020.

MARSIGLIA, Ana Carolina Galvão. Professora, cadê sua varinha de condão? Sobre a "magia" da aprendizagem. In SANTOS, Cláudio Felix dos, (Org.). **Crítica ao Esvaziamento da Educação Escolar**. Salvador: EDUNEB, 2013; p.37-50.

MELO, Luciano Plez. de.; SALLES, Leila Maria Ferreira. Escola, Juventude e Perspectivas de futuro: alguns apontamentos. **Cadernos CEDES**, v. 40, n. 110, p. 86–96, jan. 2020.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Os órfãos do construtivismo. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, p. 2267–2286, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v11.n.esp4.9193. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9193. Acesso em: 3 set. 2023.

MUNANGA, Kabengele. Negritude em cena: As ambiguidades do racismo à brasileira. In KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi, (Org.). **O Racismo e o Negro no Brasil**. 2ª Edição, São Paulo: Perspectiva, 2017; p. 33-44.

NASCIMENTO, Iracema. (Org.). **O enfrentamento da exclusão escolar no Brasil**. 1. ed., 2014.

NASCIMENTO, Iracema. (Org.). **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da educação básica na idade certa - Direito de todas e cada uma das crianças e adolescentes**. 1. ed., 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Em **Dia Internacional da Juventude**, chefe da ONU ressalta "poder dos jovens". GUTIERRES, Antonio, WRICKMANAIAKE,

Jaiathma. ONU, 2018. ONU. Disponível em https://news.un.org/pt/story/2018/08/1634122. Acesso em 22 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Definição de Juventude**, 2013. Disponível em: https://www.un.org/esa/socdev/documents/youth/fact-sheets/youth-definition.pdf. Acesso em: 28 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **O desafio da alfabetização global: Um perfil da alfabetização de jovens e adultos na metade da Década das Nações Unidas para a Alfabetização 2003 – 2012**. 2009. UNESCO.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990. UNESCO. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000086291_por. Acesso em 22 nov. 2022.

PAIVA, Vanilda Pereira. Anos 90: as novas tarefas da educação dos adultos na América Latina. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, **n. 89**, p. 29-38, maio 1994. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741994000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 dez. 2021.

PAIVA. Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo, Edições Loyola, 3ª Ed. 1985.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do Fracasso Escolar: Histórias de Submissão e Rebeldia**. 2ª Edição. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

PEREGRINO, Mônica. Juventude, trabalho e escola: elementos para análise de uma posição social fecunda. **Cadernos CEDES**, v. 31, n. Cad. CEDES, 2011 31(84), p. 275–291, maio 2011.

PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; MARIN, Angela Helena. Fracasso escolar na educação básica: revisão sistemática da literatura. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 1, p. 1-15, mar. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext &pid=S1413-389X2017000100001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 29 jul. 2023. http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.1-01.

PEZZI, Fernanda Aparecida Szareski; MARIN, Angela Helena. "Seguindo em frente!": O fracasso escolar e as classes de aceleração. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. 2016, v. 20, n. 2 [Acessado 13 Outubro 2021] , pp. 219-228.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo, Cortez, 1994.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **Juventude e Cibercultura**. Em fase de desenvolvimento. 2022.

PRIOSTE, Cláudia Dias. Hipóteses docentes sobre o fracasso escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 46, p. e220336, 2020.

PRIOSTE, Cláudia Dias. O homo zappiens e o uso dos dispositivos televisuais: possíveis impactos no processo de alfabetização. **Conhecimento & Diversidade**, [S.l.], v. 9, n. 18, p. 73-88, jan. 2018. ISSN 2237-8049. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/conhecimento_diversidade/article/view/4102>. Acesso em: 18 out. 2021. doi:http://dx.doi.org/10.18316/rcd.v9i18.4102.

PRIOSTE, Claudia Dias. Fracasso escolar e dificuldades na alfabetização: relato de experiência de atendimento psicológico e novas intervenções. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, p. 2430–2447, 2016. DOI: 10.21723/riaee.v11.n.esp4.9201. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/9201. Acesso em: 29 ago. 2021.

PRIOSTE, Claudia Dias.; MAZZEU, Francisco José Carvalho.; BARBOSA, Eliza Maria. Alfabetização: desafios atuais e novas abordagens. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, p. 2251-2266, 2016.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços do mundo virtual. 2013**. 361f. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

REDE BRASILEIRA DE PESQUISA EM SOBERANIA E SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL (REDE PENSSAN). **Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil**. 2021. Disponível em http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf - Acesso em 28 out 2021.

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: referências conceituais e metodológicas para a pesquisa. **Educação & Sociedade** [online]. 1997, v. 18, n. 60 Acesso em 26 nov. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação e Humilhação Racial: Psicanálise e Relações Raciais. In KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lucia da; ABUD, Cristiane Curi, (Org.). **O Racismo e o Negro no Brasil**. 2ª Edição, São Paulo: Perspectiva, 2017; p 129-141.

ROSEMBERG, Fúlvia. Relações Raciais e Rendimento Escolar. Fundação Carlos Chagas. **Caderno de Pesquisa 63**, p. 19-23. Nov.1987. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741987000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 jan. 2023.

SALATA, André. Razões da evasão: abandono escolar entre jovens no Brasil. **Revista Interseções** [Rio de Janeiro] v. 21 n. 1, p. 99-128, abr. 2019.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal da Saúde. Coordenação de Epidemiologia e Informação - CEInfo. Boletim ISA Capital 2015, nº 20, 2019: **Consumo de álcool na cidade de São Paulo**. São Paulo: CEInfo, 2019, 30 p..

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. **Currículo da Cidade**: Educação de Jovens e Adultos: Língua Portuguesa. São Paulo: SME/COPED, 2019.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Educação. Lei **nº 16.271**, de 18 de setembro de 2015. Aprova o Plano Municipal de Educação de São Paulo. Diário Oficial do Município de São Paulo, 18 set. 2015.

SÃO PAULO. Decreto **nº 54.452** de 10 de outubro de 2013. Dispõe sobre o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino - Mais Educação São Paulo. Disponível em https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-54452-de-10-de-outubro-de-2013. Acesso em 29 Ago. 2022.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Edição Comemorativa, Campinas, Autores Associados, 2008.

SCHERMACK, Lúcia Veiga.; SANT'ANA, Izabella Mendes. A recuperação intensiva no Estado de São Paulo: uma experiência com professoras de uma escola pública. **Educação e Pesquisa** [online]. 2018, v. 44 [Acessado 21 setembro 2022], e173981. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844173981>. Epub 06 Ago 2018. ISSN 1678-4634. https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844173981.

SILVA, Enid Rocha Andrade da; VAZ, Fábio Monteiro. **Os Jovens que não trabalham e não estudam no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). 2020. Disponível em https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10414. Acesso em 2 Abr. 2023.

SOUSA, Elizabeth Fernandes de. Para cuidar da dor do aluno negro gerada no espaço escolar! In: SOUZA Beatriz de Paula. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 1ª ed. 2007, p. 223-237.

SOUZA, Beatriz de Paula. Trabalhando com dificuldades na aquisição da língua escrita. In: SOUZA Beatriz de Paula. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 1ª ed. 2007, p.138-163.

SOUZA, Beatriz de Paula. Funcionamentos escolares e produção de fracasso escolar e sofrimento. In: SOUZA Beatriz de Paula. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 1ª ed. 2007, p.241-278.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. Prontuários revelando os bastidores: do atendimento psicológico à queixa escolar. In: SOUZA Beatriz de Paula. (Org.). **Orientação à queixa escolar**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 1ª ed. 2007, p. 27-58.

SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano.; SILVA, Paula Nascimento da. Juventude, consumismo e preconceito. In AMARAL, Mônica.; SOUZA, Maria Cecília. (Org.). **Educação Pública nas Metrópoles Brasileiras**. São Paulo: Paco Editorial, EDUSP, 2011, p. 125-142.

SPOSITO, Marilia Pontes.; SOUZA, Raquel. E SILVA, Fernanda Arantes. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados. **Educação e Pesquisa** [online]. 2018, v. 44 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201712170308. Acesso em 14.nov.2021.

VIÉGAS, Lygia de Souza. Dificuldades de escolarização e Progressão Continuada: uma relação complexa. In: SOUZA Beatriz de Paula. (Org.). **Orientação à queixa escolar**.

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020, 1ª ed. 2007, p 307-328.

ANEXOS

Anexo I - Questionário e entrevista com o(a)s jovens da EJA

PESQUISA: JUVENTUDE E CIBERCULTURA

Profa. Dra. Cláudia Prioste

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA COM O(A)S JOVENS DA EJA - GRUPOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO

A - Caracterização pessoal e socioeconômica

1- Nome
2- Email:
3- Naturalidade: cidade onde nasceu e Estado
4- Local de residência atual (Cidade e Estado)
5- Idade:
6- Identificação de gênero: feminino, masculino, não binário, outros, prefiro não me identificar
7- Você se considera uma pessoa trans ou em transição?
8- Estado civil: solteiro, casado, divorciado, união estável, outros
9- Possui filhos? Sim, mas não moram comigo; sim, e moram comigo; sim, mas tenho guarda compartilhada; não tenho filhos.
10- Em relação à moradia, qual alternativa melhor descreve suas condições: não tenho casa fixa para morar; vivo em casa própria (dos pais ou família e não pago aluguel); vivo com amigos e não pago aluguel; vivo com amigos e pago aluguel; vivo com minha família e pago aluguel; pago prestação da minha casa própria; outra condição
11- Autodeclaração de raça/etnia: branca, preta, parda, amarela, indígena
12- Você possui algum tipo de deficiência? Se sim, qual?
13- Grau de instrução do principal responsável por sua educação ao longo da vida:
14- Renda mensal familiar: (por faixas de salários mínimos). Quantas pessoas sobrevivem com essa renda?
15- Assinale a alternativa que mais reflete sua condição atual: trabalha em atividade remunerada; trabalha em atividade com remuneração eventual (ex: faz trabalho de freelancer ou faz bicos de vez em quando); trabalha em atividade não remunerada como ajudante (não recebe nada); trabalha, mas está afastado; não trabalha e não procurou trabalho nos últimos 30 dias.

B - Informações sobre escolarização e motivação atual para os estudos

1- Qual é o seu grau de instrução? (Conforme consta no histórico escolar) Pesquisar até que série consta oficialmente na documentação.
2- Atualmente você está matriculado em uma instituição de ensino?
3- Especificar a etapa em que está matriculado no EJA e há quanto tempo frequenta essa instituição.
4- Estudar para você significa....
5- A escola é....
6- Qual sua principal motivação para ir à escola?
7- Qual a sua principal motivação para estudar? O que você acha que os estudos trazem para a sua vida?
8- Quais os principais obstáculos ou barreiras para você estudar?
9- Você tem alguma dificuldade para chegar até a escola? Ex: distância, transporte, horário de trabalho, etc.
10- Você é assíduo ou falta muito às aulas? Se falta, quais são os principais motivos?
11- Como você avalia sua motivação para os estudos comparando antes da pandemia e agora que estamos na fase pós pandemia? (Pirou muito; piorou um pouco; ficou igual, melhorou um pouco; melhorou muito).
12- Ao longo da sua vida, você acha que tem se dedicado aos estudos? (nada, pouco, muito)
13- Se não se dedica, o que atrapalha sua dedicação aos estudos?

C - Informações sobre dificuldades na aprendizagem e evasão escolar

1- Ao longo da sua vida escolar você teve dificuldades na aprendizagem? (Muita, pouca, nenhuma)
2- Você já foi reprovado em alguma série? Se sim, em qual?
3- Principais dificuldades na aprendizagem: (Muita, pouca, nenhuma) dificuldade para aprender a ler; dificuldade para aprender a escrever; dificuldade em matemática; dificuldade em interpretar textos, dificuldade na área de história e geografia, dificuldade na área de biológicas, dificuldade em exatas, dificuldade de atenção na aula; dificuldade para se manter concentrado e realizar as tarefas; dificuldade para compreender as explicações dos professores; dificuldade para terminar as lições sozinho(a); dificuldade realizar as tarefas em casa; dificuldade para se relacionar com a turma; dificuldade para se relacionar com os professores; vergonha de perguntar; outras dificuldades
4- Qual ou quais as principais explicações que você dá para essa(s) dificuldade?
5- Você recebeu algum tipo de ajuda na escola para superar essas dificuldades? Se sim, que tipo de ajuda?
6- Você recebeu algum tipo de ajuda fora da escola? (ex: psicólogo, fonoaudiólogo, professor particular, etc). Especificar se foi serviço público ou privado.
7- Nos últimos doze meses, quais são as principais dificuldades escolares/acadêmicas que você tem enfrentado?
8- Você acha que ainda precisa de algum tipo de apoio para superar essas dificuldades? Se sim, qual?
9- Você tem encontrado esse apoio na sua atual escola?

10- Você já abandonou os estudos em algum momento? Se sim, quando e por quê?
11- Você já se arrependeu de ter abandonado os estudos? Se sim, o que te levou a se arrepender?

D – Dificuldades na fase da alfabetização

1- Você frequentou a Educação Infantil? (pré escola). Se sim, por quantos anos?
2- Quando iniciou o Ensino Fundamental (1ª. série), com quem você morava e quem era a pessoa responsável por acompanhar sua vida escolar. Com que idade iniciou o Ensino Fundamental?
3- Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, estudava em período parcial ou integral? Matutino ou vespertino? Escola pública ou privada?
4- Como e com quem você ia para a escola
5- Quais são suas lembranças da escola na fase em que estava aprendendo a ler e a escrever?
6- Você era assíduo(a) nas aulas ou faltava muito? Se faltava muito, quais eram os motivos?
7- Quando faltava às aulas, o que ficava fazendo e por quem era cuidado(a)?
8- Você gostava da escola? Se sim, do que gostava? Se não, do que não gostava?
9- Você gostava de estudar? Se sim, o que gostava de estudar? Se não, do que não gostava?
10- Mudou de escola durante o Ensino Fundamental 1? Se sim, por quais motivos e em que série?
11- Como era sua relação com os professores no Ensino Fundamental?
12- Como era sua relação com os colegas no Ensino Fundamental?
13- Você recebeu livros didáticos na fase da alfabetização? Você podia levar esses livros para casa? O que achava dos livros? Você achava que os livros eram adequados para a alfabetização?
14- Você já foi aprovado de ano, mesmo sem ter aprendido o conteúdo mínimo? Se sim, o que pensa sobre isso?

E – Família e ambiente comunitário

1- Para a sua família, qual é a importância da escola?
2- Para as pessoas do bairro onde viveu a maior parte da sua vida, qual é a importância da escola? Para que serve a escola?
3- Para sua família, as pessoas que estudam são....
4- No bairro em que viveu a maior parte de sua vida, quais são as características pessoais mais valorizadas em uma pessoa?
5- Você se sentiu apoiado nos estudos no início da sua escolarização? Se sim quem te apoiava e como? Se não, por que não havia apoio?
6- Sua família tinha hábitos de leitura? Havia livros na sua casa? Se sim, de que tipo?
7- Na sua casa havia algum ambiente tranquilo para você estudar?
8- Você vivenciou ambiente familiar conflituoso ou violento? Se sim, que tipo de violência (física, psicológica, verbal, negligência). Em que fase da vida você viveu em ambiente

familiar violento (primeira infância – até os seis anos, infância – dos 7 aos 11, adolescência dos 12 aos 17, juventude dos 18 em diante)?

9- Quem era o(a) impetrador(a) de violência e quem era a(o)s principais vítimas.
10- Esse ambiente teve algum impacto na sua aprendizagem escolar?
11- Você viveu em algum bairro ou comunidade conflituosa ou violenta? Se sim, que tipo de violência você presenciou e quem eram as pessoas que impetravam violência e quem sofria violência. Em que fase da vida você viveu em bairro ou comunidade violenta?
12- Você estudou em escola com muitos conflitos ou violência? Se sim, quem impetrava violência e que tipo de violência.
13- Você considera que as situações de violência (no ambiente familiar, escolar ou comunitário) estão ligadas a abuso de álcool? Ou de drogas? Especificar uso de álcool ou drogas na família, na escola ou na comunidade.
14- No ambiente familiar, comunitário e escolar, você já impetrou violência contra outrem? Se sim, contra quem, onde e por quê?
15- Você presenciou situações de discriminação racial, de gênero e de classe social nesses ambientes? Se sim, que tipo? Em quais ambientes? Dê exemplos.
16- As discriminações podem ter tido impactado na sua aprendizagem? Se sim, como?

F – Impacto das mídias e da internet na aprendizagem escolar

1- Na sua infância quais eram as principais diversões que você mantinha quando você não estava na escola?
2- E na adolescência?
3- Especifique quais tipos de tecnologias havia em sua casa (na infância e adolescência) e a quantidade: rádio, televisão, computador de console, notebook, console de jogo, tablet, aparelho de celular, acesso à internet por wi-fi, acesso à internet 3G
4- Em qual desses aparelhos você despendia maior tempo? Qual era a programação ou atividade preferida?
5- O uso de algum desses aparelhos já prejudicou seu sono, sua convivência familiar, seus estudos, sua sociabilidade com amigos, seu humor, os cuidados com o corpo. Se sim, qual?
6- Você tem acesso à internet? Se sim, com que idade começou a ter acesso? Na sua infância e adolescência qual era o principal local? (casa, escola, casa de parente, casa de vizinho, lan house, outros). Qual era o principal dispositivo de acesso: computador, notebook, tablet, aparelho celular (próprio ou da família).
7- Qual era a principal finalidade de uso da internet?
8- Você costumava jogar pela internet? Se sim, qual jogo?
9- O que te atraía a esse jogo?
10- Ainda joga? Se sim, com que frequência e que tipo de jogo.
11- Quais destas redes sociais você mais usa: aplicativos de conversa (Whatsapp, telegram, etc); Instagram; Facebook; Twitter; LinkedIn; TikTok; Reddit, aplicativos de relacionamentos afetivo e/ou sexual?
12- O que te atrai às redes sociais?
13- Qual o principal benefício da internet na sua vida?
14- Qual o principal malefício?

15- Você considera que seus hábitos na internet ajudam ou atrapalham em algumas das seguintes áreas de sua vida? estudantil; social (amizades); familiar; saúde mental; vida afetiva e/ou sexual; preparação para o trabalho; trabalho; cuidados com o corpo. Classificação: indiferente; mais ajuda; mais atrapalha.
16- Você tem algum hábito na internet que pode ser prejudicial para sua vida? Qual?
17- Em sua opinião, quais são os maiores riscos da internet para os jovens na sua faixa etária.

G – Saúde Mental

1- Você considera que a pandemia afetou sua vida em algum desses aspectos: vida familiar; saúde física; saúde mental; estudo; trabalho; vida social/amizade; vida afetiva e/ou sexualidade; diversão/lazer; religião; não afetou em nada. Opções: mudou para melhor, mudou para pior, não mudou.
2- Você já precisou tomar medicamentos para algum dos seguintes problemas: Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade; ansiedade; insônia; depressão; transtorno de déficit de atenção; transtorno obsessivo compulsivo (TOC); outros
3- Toma atualmente algum desses medicamentos?
4- Você possui algum tipo de compulsão (vício)? Se sentir à vontade, explicite qual.
5- Você sente alguma dificuldade em relação a sua imagem corporal?
6- Sobre a sua capacidade de enfrentar os problemas, assinale a alternativa: consigo lidar bem com os problemas simples da minha vida; estou com dificuldade para lidar com problemas simples do cotidiano; estou com muita dificuldade para lidar com os problemas simples; meus problemas são muito complicados e me sinto completamente impotente; meus problemas são muito complicados, mas consigo lidar; ao invés de enfrentar os problemas, eu me distraio para não pensar neles.
7- O que você faz para manter sua saúde mental?

H – Desigualdades vivenciadas ao longo da vida

1- Você considera que tenha vivenciado algum tipo de desigualdade ao longo de sua vida? Selecione abaixo a (s) desigualdade(s) que mais marcaram a sua vida:
dificuldades econômicas na família;
dificuldade por pertencer a algum grupo étnico-racial específico (ex; por ser afrodescendente, indígena) (Qual grupo étnico que se considera pertencente);
dificuldade de gênero (por ser mulher)
dificuldade de gênero (por ser homem)
dificuldade de gênero (por não se identificar com o sexo biológico de nascimento);
devido a deficiência e/ou diferença corporal;
dificuldade de acesso à alimentação saudável;
dificuldade em relação à falta de moradia;
dificuldade devido à localização geográfica de nascimento (por ter nascido em um país, região, cidade ou localização que possa ter te colocado em algum tipo de desvantagem);
dificuldade no acesso à educação de qualidade;

dificuldade de acesso à internet e recursos digitais;
dificuldade de acesso à "cultura letrada" (ex: acesso a livros e bibliotecas);
dificuldade de acesso à arte (ex: teatro, cinema, museus);
outras condições de desigualdade que não foram mencionadas acima.
não considero que vivenciei qualquer tipo de desigualdade acima;

2- Como essas desigualdades afetaram sua vida estudantil e/ou profissional?
3- Você teve condições de diminuir essa desigualdade ao longo da sua vida? Explique
4- Com a pandemia, alguma das desigualdades acima melhorou? Se sim, qual?
5- Com a pandemia, alguma das desigualdades acima piorou? Se sim, qual?

I – Sonhos e futuro

1- Quais são seus maiores sonhos para o futuro?
2- Você considera que a escola pode contribuir para você alcançar esses sonhos?
3- Se sim, como?
4- Se não, o que poderia melhorar na escola?

Anexo II - Questionário e entrevista com os professores da EJA

PESQUISA: JUVENTUDE E CIBERCULTURA

Profa. Dra. Cláudia Prioste

ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA COM O(A)S PROFESSORES DA EJA - GRUPOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO

A - Caracterização pessoal e socioeconômica

1- Nome
2- E-mail:
3- Naturalidade: cidade onde nasceu e Estado
4- Local de residência atual: (Cidade e Estado)
5- Idade:
6- Identificação de gênero: feminino, masculino, não binário, outros, prefiro não me identificar
7- Você se considera uma pessoa trans ou em transição?
8- Você tem filhos? Sim e moram comigo; sim e não moram comigo; sim e tenho guarda compartilhada; não tenho filhos.
9- Autodeclaração de raça/etnia: branca, preta, parda, amarela, indígena
10- Você possui algum tipo de deficiência? Se sim, qual?
11- Faixa salarial: (será separada por faixas de salários mínimos)

B - Informações sobre o trabalho e vínculo com os alunos

1- Você ministra aulas há quanto tempo?
2- Qual é o seu mais alto grau de instrução: Ensino superior incompleto ou equivalente; Ensino superior completo ou equivalente; Pós-graduação lato sensu ou especialização; Mestrado; Doutorado.
3- Como você avalia sua experiência docente na EJA?
4- Qual é o principal meio de contato com seus alunos?
5- Como você avalia a motivação dos alunos para as aulas?
6- Você utiliza as redes sociais para manter contato com seus alunos? Se sim, quais e como?
7- Os jovens são frequentes nas aulas? Caso não sejam, quais os motivos que ele(a)s apresentam?
8- Você nota diferenças de gênero na frequência às aulas? Se sim, quais?
9- Você nota diferenças de gênero na motivação para as aulas? Se sim, quais?
10- Como você avalia a dedicação e interesse dos alunos em relação às atividades propostas?

C - Informações sobre dificuldades na aprendizagem e evasão escolar

1- O que você entende que aconteceu no percurso escolar do(a)s jovens para que ele(a)s não tenham sido alfabetizados?
2- Quais as principais dificuldades você considera que o(a)s jovens encontraram para se alfabetizar na rede regular de ensino?
3- Quais dificuldades você percebe que o(a)s jovens encontram para aprender a ler e escrever na EJA?
4- O(a)s jovens relatam que foram reprovados? Por quais motivos?
5- O(a)s jovens relatam que abandonaram os estudos em algum momento? Por quais motivos?
6- Relatam arrependimento de terem abandonado os estudos?
7- Por quais razões você considera que os jovens procuram estudar na Educação de Jovens e Adultos (EJA)?
8- De que forma você entende que a escolarização na EJA pode auxiliar esse(a)s jovens?

D – Impacto das mídias e da internet na aprendizagem escolar

1- Especifique quais tipos de tecnologias você observa que seus estudantes possuem: (na infância e adolescência): rádio, televisão, computador de console, notebook, console de jogo, tablet, aparelho de celular, acesso à internet por wi-fi, acesso à internet 3G
2- Em qual desses aparelhos você considera que o(a)s jovens despendem maior tempo?
3- Você percebe prejuízos decorrentes do uso desses aparelhos na aprendizagem do(a) jovens?
4- Em sua opinião, quais são os maiores riscos da internet para o(a)s jovens?

E – Desigualdades vivenciadas ao longo da vida

1- Você considera que o(a)s jovens tenham vivenciado algum tipo de desigualdade ao longo de sua vida? Selecione abaixo a (s) desigualdade(s) que ele(a)s tenham relatado:
dificuldades econômicas na família;
dificuldade por pertencer a algum grupo étnico-racial específico (ex; por ser afrodescendente, indígena) (Qual grupo étnico que se considera pertencente);
dificuldade de gênero (por ser mulher)
dificuldade de gênero (por ser homem)
dificuldade de gênero (por não se identificar com o sexo biológico de nascimento);
devido a deficiência e/ou diferença corporal;
dificuldade de acesso à alimentação saudável
dificuldade em relação à falta de moradia

dificuldade devido à localização geográfica de nascimento (por ter nascido em um país, região, cidade ou localização que possa ter te colocado em algum tipo de desvantagem);
dificuldade no acesso à educação de qualidade;
dificuldade de acesso à internet e recursos digitais;
dificuldade de acesso à "cultura letrada" (ex: acesso a livros e bibliotecas);
dificuldade de acesso à arte (ex: teatro, cinema, museus);
outras condições de desigualdade que não foram mencionadas acima.
não considero que vivenciei qualquer tipo de desigualdade acima;

2- Você entende que essas desigualdades afetaram as vidas estudantil e/ou profissional do(a)s jovens?
3- Com a pandemia, alguma das desigualdades acima melhorou? Se sim, qual?
4- Com a pandemia, alguma das desigualdades acima piorou? Se sim, qual?

F – Sonhos e futuro

1- Os jovens relatam sonhos para o futuro?
2- Você considera que a escola pode contribuir para você alcançar esses sonhos?
3- Se sim, como?

Anexo III – Relatos dos estudantes distribuídos por categoria

ID	NOME	O SIGNIFICADO DE ESTUDAR
E1	Ana	*"Significa muita coisa, porque o estudo muda a sua vida pra um emprego, porque pra você ter emprego você tem que estudar, pra você ter conhecimento, cê tem que estudar. Então eu acho que significa a sua vida mesmo."*
E2	Duda	*"Pra mim estudo é muito importante, porque assim, eu sou a prova viva que eu passo com muita coisa e eu já passei por várias coisas dentro da escola normal que eu estudava. Então, assim, eu nunca desisti dos meus estudos, porque o meu sonho é fazer uma faculdade. Então assim, pra mim os estudos é a coisa mais importante pra gente, porque é de verdade, hoje em dia a gente precisa de estudos pra tudo. Pra você conseguir ler uma coisa ou fazer uma conta, ou então é, escrever você tem que saber. "*
E3	Léo	*"Pra mim a gente ta aqui pra estudar." O estudante reage de forma positiva a intervenção da pesquisadora que perguntou se o estudo teve o significado de melhorar a sua vida.*
E4	Nina	*"Pra mim é bom estudar, eu gosto de estudar." A pesquisadora questiona se tem alguma coisa que a estudante gosta mais e ela responde: Português e Matemática."*
E5	Toni	*"Uma coisa muito chata."*
E6	Dan	*"Pra mim estudar significa aprender."*

ID	NOME	CONDIÇÕES FAMILIARES
E1	Ana	*"Eu parei na sexta série. Aí eles não quiseram me matricular na escola. Minha mãe fala que ela trabalha muito, que não tem tempo, mas ela só pensa nela mesma, tipo ela faz as coisas pra ela mesma, tipo, nunca podia fazer nada."*

		"Meu pai ele é alcoólatra, ele é dependente do álcool, ele trabalha, mas bebe, ele quer bater na gente, ele quer bater nela, ele quer quebrar as coisas em casa. Então, com ele eu não conto com nenhum tipo de apoio."
		"... eu não faltava tanto na época também porque minha irmã estava em casa, então tipo minha mãe pagava perua, então ela me acordava, me entregava na perua, quando tinha problema ele ia lá e resolvia eh não faltava tanto." "A minha irmã me ajudava, mas não tinha tanto tempo, que ela trabalhava."
		"Meu pai e minha mãe não faziam nada por mim. Nenhum dos dois nunca fez e não faz."
E2	Duda	*"Minha mãe, ela, eu posso falar, ela, eu amo ela, ela, não tem o que dizer sobre ela, mas ela também nunca foi tão presente na minha vida." "Então a minha mãe é assim, ela também é meio que pensa mais nela e nas outras coisas da vida dela, até no meu irmão do que em mim."*
		"Minha mãe, ela tem depressão, é ansiedade, tem AVC, um monte de coisa. Se você ver nem parece. E então assim, ela é uma guerreira. Isso não tem o que dizer."
		"Então assim, ela foi abusada, eu sou uma filha de um estupro, ela foi abusada por sete caras e então assim ela tem uns traumas dela. Minha vida toda ela sempre ficou assim meio que, ela sempre me protegeu muito em relação a isso, ela sempre me protegeu."
		"Assim, ela nunca mandou eu desistir dos estudos, ela me cobrava sobre isso, mas assim, me ajudar quando eu precisava não, era muito raro, sabe?"
E3	Léo	*"Eu morava com meu pai e minha mãe. Eu morava no interior lá. Só que aí, meu pai e minha mãe não ligava pro estudo, né? Não pegava muito no pé."*
		"Minha família é bem unida mesmo."
E4	Nina	*"Quem às vezes ajuda é minha mãe. Minha mãe me ajuda. Mas eu não peço ajuda pra ninguém." "Por causa que às vezes meus irmãos é tudo ignorante. Não quer fazer as coisa." "É, às vezes eu peço ajuda pra minha mãe, só quando ela não está ocupada, aí ela me ajuda."*
E5	Toni	*"Minha mãe, meus irmãos, me ajudavam, meu pai me ajuda."*
		"Meus irmãos, eu fiquei não querendo mais estudar, não estava entendendo, aí falava não quero mais saber de escola, mais não." "Insistia, eu ia pra escola todos os dias, mas não aprendia."
E6	Dan	

		"Na minha casa, assim, a dificuldade em algumas coisas, mas sempre quando minha mãe era viva, que ela faleceu quando eu tinha quinze anos. Ela me ajudava em algumas lições e em algumas matérias. Algumas matérias eu me esforçava pra aprender sozinho." "Aí a minha mãe eh me orientava pra mim estudar e continuar estudando mesmo com a dificuldade que eu não tinha como conseguir muito assim, acompanhar."

ID	NOME	CONDIÇÕES INTRA-ESCOLARES
E1	Ana	*"Tinha uma professora na terceira série, que ela era muito atenciosa comigo, ela dava uma atenção e aprendi alguma coisa com ela. Mas o restante não."*
		"É muita barulheira, é muita gritaria."
		"Foi assim, conturbada, porque tinha questão do bullying por ser um pouquinho fora da…pois quando você era uma criança gordinha, você sofre na escola pública. Então, a gente vai falar sobre essas coisas."
		"É porque quando a gente tá na outra escola a gente acaba não tendo tanta cobrança assim porque são quarenta alunos na mesma sala, vamos assim dizer."
		"Aí acabava sofrendo um pouco essas coisas. Só que a minha diretora também, eu achava importante que a minha diretora foi a primeira diretora trans em São Paulo, a Paola, não sei se cês chegaram a conhecer." "Mas ela foi como diretora trans e ela me ajudava muito nessas questões que eu ia lá reclamar com ela ajudava então tipo pra mim foi tranquilo. A pior parcela era sofrer um pouquinho ali, mas eu ia conversar com ela ajudava, chamava mãe dos alunos ia lá e resolvia."
E2	Duda	*"Eu não era muito bonitinha, eu era minha gordinha também. Então, eu sofria muito bullying também na escola. E eu era a única ali que não sabia ler, não sabia ler e escrever. E aí eu descobri que eu tenho déficit de atenção."*
		"Eu tenho, tem déficit de atenção. E aí, né? Os professores nunca tavam nem aí pra mim, muitos me colocaram para baixo, me disminuíram, só por causa da minha idade e eles nunca me ajudaram em nada, só um professor que me ajudou aprender a ler, mas porque também eu me esforcei, entendeu? Porque senão ele não dava muito, muito reforço pra mim, mas eu por mim mesmo e aí eu repeti três vezes por causa disso." "Na escola é um professor e eles só passam um monte de lição e tchau. Eles não tão nem aí, eles nem olha pra ajudar sabe? "
		"Assim, eu só mudei, eu sofri muito bullying, então assim, eu já mudei duas vezes da escola, mas nenhuma dessa escola deu certo porque eu passava por isso." "Por causa que sofria muito bullying, os professores não tavam nem aí e me desminuía. Aí até que eu parei numa escola e fiquei definitiva numa escola. E aí nessa escola também eu passei pela mesma coisa, mas eu tive que

		aturar essa escola até onze anos eu tive que aturar isso tudo." "Em relação, como eu dizia, também o tom da minha pele, porque eu era gorda, porque eu era… tinha cabelo também meio cacheado, mas não era assim, eu mudei depois, ele era bem baixinho, e porque eu não era bonita porque hoje em dia as pessoas hoje em dia acham que tudo tem que ser padrão. E eu não sou padrão e eu não quero esse padrão, eu prefiro ser eu mesma."
E3	Léo	*"Ah eu sentia assim eu sentia não sentia muito agradável, sabe? Porque os alunos, fazia bullying né? Era meio gordinho, sabe? Aí sofria bullying. Aí eu ia pra escola desmotivado."*
		"Era os meninos bagunçando, sabe? Jogando piadinha. Aí eu num eu num gostava daquilo Aí eu ficava magoado por dentro, sabe? Que eu não me expressava, só ficava por mim, por dentro aí me sentia muito muito péssimo estar naquele lugar."
E4	Nina	*"Aí eles passava de sala e sala, não aprendia nada. Aí eu sofri muito também na escola."*
		"os alunos jogavam papel em mim, me xingava, eu sofri bullying na escola."
		"Eles não me ajudavam. Eles… eu já passava de ano, não aprendia nada. Eu aprendi a escrever meu nome com nove anos."
E5	Toni	*"Maior dificuldade que eu tive na outra escola era ler." "Porque na verdade o que o professor escrevia na lousa, eu copiava. Se mandasse eu ler alguma coisa, eu não ia ler, porque eu não sabia ler nada." "Só pra ter no caderno."*
		"É, o professor ia me passando de ano como se eu estivesse aprendendo e eu não entendia nada." "Ah, dava a sensação de não ir, ai quando tinha as vezes que eu não ia, eles falavam que eu ia repetir por falta."
E6	Dan	*"Ah eu tive alguma dificuldade na escola pra aprender."*
		"Algumas escolas eu não me adaptei e outras eu tinha muita dificuldade de aprender assim, no mesmo ritmo das pessoas pra fazer as lições."
		"Eu já reprovei umas quatro, cinco vezes." "Eu ficava meio triste, porque quando que eu queria muito passar pra mim na escola rápido assim." "Aí ficava meio abatido muito triste por ter tentado."
		"Eu já vivenciei, mas tipo, não foi, pra mim, pra mim hoje em dia não foi acho que não foi bullying, porque era uma discussão meio que de gente que gosta, tem gente que gosta de brigar com as outros. mas brigar muito na escola

		mesmo pelo pessoal que ficava zoando e queria brigar comigo e me bater e eu batia." "Mas era briga tipo não muito forte, assim era só empurrão, às vezes soco e chute."
		"(...) porque tem professores que não tem muito paciência. Igual como na escola que eu passei isso, o professor não tinha muita paciência assim, aí nem orientava falava eles nem orientava nem nada. Foi pessoas que me deixavam, tipo ficava jogado lá. Eu tinha que me resolver pra fazer a lição do jeito que dava."
		"Eu me sentia sozinho, uma vez tinha a pessoa da sala que me ajudavam, uma menina da sala que sentava, do lado, na frente da minha mesa, ela me ajudava."
		"Os professores eu, eu pedia mais os professores às vezes ajudavam, às vezes não. A menina me ajudou demais, eu pedia ajuda pra ela e ela ajudava."

ID	NOME	CONDIÇÕES COMUNITÁRIAS
E1	Ana	*"Eu acho que comunidade em si, hoje em dia tem umas pessoas que valorizam isso tudo, mas a grande maioria é mais ai vou virar MC porque hoje em dia todo mundo quer virar MC, então o aluno quer largar os estudos'' "ai vou ser MC, vou fazer isso ou vão pra escola que nem já aconteceu comigo diversas vezes ou vão pra escola pra usar drogas que nem tipo usavam maconha dentro do banheiro entre outras coisas... queriam bater em professor então pra mim eu acho que não é tão valorizado os estudos em comunidade."*
		"Sim eu acho que aqui no Capão Redondo não tem como não ver a violência, que a gente anda em qualquer lugar." "A gente corre o risco de ser assaltado o tempo inteiro, não importa o horário. Então, eu acredito que a gente vive na questão da violência por morar aqui."
		"Mas eu acredito que mais na comunidade hoje em dia acaba tendo, mas eu acho que não é pra ser, né, que a gente devia se unir querendo não, porque a gente acaba sendo discriminado por pessoas ricas, então, mas acho que mais na comunidade é o lugar onde mais tem, porque são pessoas que sei lá, te conhece desde pequeno e acham que tem direito de falar o que bem quer com você e fazer o que quer com você."
E2	Duda	*"Pra mim também não é valorizado. Porque os alunos preferem ficar de grupinho ou ficar de conversinha dentro da sala de aula, não foca nos estudos. Muitos também só vão pra escola pra... vamos dizer, ah, vou ficar famosinho na escola. Ah, vamos, vamos dizer, eh vamos lá pra fazer bullying, tem alguns que só vai lá pra ficar zoando e muitos acabam e não focam muito nos estudos, acabam focando mais nessas coisas, sabe?"*

		"É, por todos os lados ir pra rua, né? Saiu pra rua cê já é roubado." "Porque tem gente que acaba meio que ficando com medo disso e acaba não saindo de casa."
		"Porque assim, a gente somos mulher, então assim, não é só em relação eh a ser roubada, essas coisas assim, te baterem não. É em relação também tentarem abusar de você. Que hoje em dia é o que tem mais..." "Então em dia as mulheres não tem paz, então elas não podem sair livre ou sair pra qualquer lugar porque sempre vai ter alguém pra mexer com você infelizmente"
		"Pra falar a verdade. Em todo lugar você vai, sempre tem gente preconceituosa, manda uma indiretinha assim com algumas atitudes você já percebe só por causa do tom da sua pele ou então por causa da do gênero."
E3	Léo	*"Tá tudo é muito violento, as coisas né? Vi na televisão né, matando professores. Tá muito violento né? Tem um amigo meu que não quer deixar o menino ir pra escola que tá com medo. Violência."*
E4	Nina	*"Eu sempre morei no C."*
		"É porque tipo ah eh eu não estudei no na no pré sabe? Minha mãe não conseguiu, ai por isso que eu comecei a estudar nessa escola. Porque eu não aprendia nada." "Quando eu era pequena minha mãe não conseguiu colocar no pré"
		"Tipo, de ficar dando risada, sabe da minha cara. É, não gosto."
E5	Toni	*"Não, eu não falava com o povo." "Não falava com ninguém e já era."*
E6	Dan	*"O bairro tipo, ajudou, porque a escola era, a escola era perto."*
		Sobre violência no bairro ele fala: "Foi tipo briga de discussão e voz assim.."

ID	NOME	HÁBITOS EM RELAÇÃO AS MÍDIAS QUE PODE TER AFETADO O INTERESSE PELA ESCOLA
E1	Ana	*"Então, eu acredito que influencia sim em muitas coisas porque como eu falei, né? Eu tenho aquela questão do influenciador, hoje em dia influencia as crianças e adolescentes, eu vejo que poderiam influenciar pra incentivar os estudos, mas não incentivam, eles querem vender aqueles joguinho online,*

		falar que cê vai ganhar dinheiro, ou falando que que nem já ouvi casos, né? Tipo de famosos irem na porta de escola falar que estudo não leva nada, que a vida é INSTAGRAM, e também teve a questão da MC Loma, não sei se vocês sabem quem é que ela é, ela é bem famosa, mas na época, ontem pra trás ela tava passando por umas coisas porque ela tava largando a escola e a escola chamou atenção, falou assim que ela não podia postar mais nada que entraria com processo na justiça até ela terminar os estudos porque ela tava fazendo coisas no INSTAGRAM, tipo trabalhando, né? Que ela ganhava dinheiro já, mas aí proibiram ela até terminar da escola pra poder trabalhar com isso. Então acredito que isso influencia sim porque eu acho que poderiam influenciar a estudar mas não influenciam."
		"Vou te dar um exemplo, hoje em dia tem muita gente incentivando a saúde mental, cuidado com o corpo, eu acho importante, mas eu acho que o que mexe muito hoje em dia com as pessoas é comparação, né? De corpos, porque hoje em dia o povo da internet são muito padrões, coisas, são corpos que não são reais, né? Que é muito cirurgia, isso e aquilo. Então, aí quando é a pessoa que tem o corpo tipo igual nós, que tipo, vamos supor, não tem uma condição financeira pra ter aquele corpo."
		"E eu uso mais a internet hoje em dia pra ver filme. Que nem, pesquisar que nem esse tempo que eu fiquei fora que eu fiquei doente. Eu eu dei umas pesquisadas sobre as coisas pra repor a aula como em forma de extraclasse, que aqui a gente tem como todas as sextas-feiras não tem aula, a gente usa os extraclasse pra repor os horários que a gente fica fora. Então eu dei uma pesquisada em várias coisas sobre os assuntos que a gente discutiu aqui pra fazer redações tipo pesquisas mesmo pra repor o tempo que eu fiquei fora."
		"Uma coisa que me ajuda é uns vídeos de rotina no TikTok que eu gosto que é de rotina das pessoas e cuidado com o corpo e alimentação, que pra mim isso me ajuda."
		"Eu não sei se tá comprovado, mas assim, às vezes eu tô com sono, vamos supor lá prumas oito e nove. Aí eu falo, ah, eu vou mexer no celular. Aí tu fica lá naquele passa, passa, passa que vai mexendo com a minha mente num "looping" infinito. Aí quando eu vou ver já é duas horas da manhã eu tô sem sono, eu não consigo dormir."
		"Ó, pra mim eu acho que é a possibilidade de cê escapar da sua realidade, porque" "Porque cê tá vivendo uma vida ali, cê não precisa se preocupar com as coisas, vamos assim dizer. Então a gente tira da sua realidade. Sim, ele tira você da sua realidade. É."
		"Mas um outro exemplo que eu queria dar também que eu acho que atrapalha são as pessoas fakes, né? Tipo, que vamos assim dizer que hoje em dia todo

		mundo quer ser padrão, então tipo, às vezes você vê uma pessoa na internet quando cê vai ver pessoalmente a pessoa não é igual, não."
E2	Duda	*"Assim, eu vou ser sincera. Eh a mídia ao mesmo tempo, eh internet essas coisas ao mesmo tempo é bom pra você estudar, mas as pessoas pega mais a tecnologia, mais pra ficar o dia inteiro no Facebook, no INSTAGRAM, ficar fazendo TikTok, e deixar os estudo também muito de lado, então atrapalha muito. " "E aí muita gente fica de madrugada, mexendo no celular e monte de coisa, então atrapalha isso. E ao mesmo tempo ajuda nós porque ele, a tecnologia é mais pra gente estudar e aprender, mas a gente pega pra fazer o quê? Fazer isso."*
		"E as pessoas conversavam, eh me desculpa. E as pessoas conversavam e também o ruim aqui hoje em dia as pessoas de vez de conversar pessoalmente, eh de frente, as pessoas estão conversando mais é pelo WhatsApp. ÀAs vezes tô preferindo, a pessoa tá do seu lado e a pessoa fica assim mandando mensagem pra você mas não fala com você normal. Então assim, o que me faz muita falta é isso, interagir com as pessoas, as pessoas conversarem assim, normal, mas as pessoas tão preferindo ficar na tecnologia. Então…"
		"É o INSTRAGAM, mas eu não fico muito também não, eu assim eu mais pego mais pra fazer no celular ou é assistir filme, e ou então eh quando tiver alguma coisa de lição na escola pegar e fazer, mas isso."
		"O que afeta é a gente ficar no INSTAGRAM, no TikTok pra ver se ficar se comparando, porque eu sou a prova viva que eu tenho a autoestima baixa, parece que eu não tenho mas eu tenho. E se fica se comparando "nossa como eu queria ter o corpo daquela pessoa". Nossa, como eu queria ser padrão, como eu queria ser bonita. Então, eu isso faz mal pro meu psicológico também e pra mim mesma e também em relação a você colocar se colocar para baixo porque você vê a pessoa mais bonita e você fala nossa aquela pessoa por que aquela pessoa? Por que as pessoas preferem pessoas mais bonitas ou então pessoas que são assim do que você."
		"E também em relação é isso, praticamente também em relação a gente pegar, ficar no celular o dia inteiro e acabar não dormindo, madrugando também, afetar muito também, afeta a escola também." "Porque querendo ou não, a gente fica no celular e a gente acaba nem descansando pra vir pra escola." "E muitas vezes um celular que afeta isso porque muitas vezes ele tira o nosso sono."
E3	Léo	*"Antigamente tomem lá na onde eu morava, não também tinha energia. Não tinha internet. Não tinha nada. Não tinha nada. Tinha. Nada."*
		"Internet? Gosto de tirar foto, gosto de…fico mais no INSTAGRAM." "É jogo, futebol."

		"É vendo. Aí cê não acorda bem, acorda desmotivado, com sono, aí é ruim entendeu? Aí eu falei não é pra mim não. Aí eu peguei e mudei, agora eu durmo mais cedo, deu onze horas, tô dormindo já." "Não concentra no professor falando, né? Não escuta bem."
E4	Nina	*"Eu gosto mais do Insta porque o Insta é melhor ou face sei lá." "É porque eu converso com as pessoas"*
		"Que às vezes eu invés de fazer a lição fico no celular." "Ai, minha mãe as vezes reclama." "Que eu fico muito no celular, eu fico muito na rede social. Aí ela fala pra mim parar um pouco e de mexer."
		"Fico com medo, minha mãe dá vários conselhos pra mim porque quando você está com a cabeça na pessoa que está do outro lado do telefone você não sabe quem é a pessoa. Ah isso é fake news que a pessoa está te passando. Aí minha mãe me dava alguns conselhos sobre isso" "Ela fala ela fala várias coisas pra mim pra ver com quem que eu estou conversando, ver com quem que eu estou falando, porque ninguém sabe quem do outro lado da tela."
		"Eu converso mais por mensagem."
		"Às vezes eu falo num áudio porque no áudio é melhor porque aí você fala rápido, mas eu sou mais de escrever." "Aí as vezes eu escrevo errado é mando pra uma pessoa errada, aí vai. Aí eu tô lendo lá, tenho que apagar, porque mandei errado aí escreve de novo." "Aí eu apago e escrevo de novo."
E5	Toni	*"Televisão, computador, celular, notebook e assim vai indo. Tablet..."*
		"Meio que tudo, Insta, Facebook." "Eu não, se eu escrever errado eu mando errado. Não sou professor de português, então não vem me corrigir não." (sobre a escrita de mensagens com palavras erradas)
		"Na verdade, não meu atrapalha, eu começo a fazer a lição, as vezes eu deixo o celular de um lado e o caderno do outro, ai eu pego o celular, fico mexendo no celular e esqueço de fazer a lição, mas não me atrapalha, eu que deixo a lição pra fazer a lição pra ficar mexendo no celular. Ai quando vou ver já estou na hora de dormir e eu não fiz a lição por ficar mexendo no celular." "Não atrapalha, eu é que deixo de fazer a lição pra ficar no celular."

		Sobre riscos na internet: "Eu não acho, não tem. Não acho perigoso, não tenho nada."
E6	Dan	*"Eu só tenho celular mesmo. Esse negócio de televisão não, porque televisão que tinha lá. É mais virou é um monitor que é o monitor que vira que a televisão lá. As vezes só assisto a novela, mas só não pode pegar televisão não só fica em celular pra fazer lição e vou jogar bola. Essas três coisas."*
		"Eu acesso mais assim, escutar música que é YouTube, tipo o Google por pesquisar algumas coisas tipo de história que as coisas do passado, as coisas que tem, coisa que, histórica né?"
		"Eu gosto de ver esses temas coisa assim, mexo no Facebook que é o mais que eu mexo e no INSTAGRAM e escutar música e jogar."
		"Eu acho que às vezes atrapalha porque tu eu tô fazendo lição, aí eu fico com o celular. Aí eu fico mexendo no celular, aí quando fui ver o tempo passou já." "Tipo, tá mexendo, né? Chegou uma coisa, às vezes chega mensagem, aí você vê, depois você esquece aquilo, já vem outra coisa na sua mente e vem é tipo mudando as coisas, tipo vem uma coisa e vem outra e aí você esquece da lição."
		"Na minha família, na verdade, a maioria todo mundo é viciado no celular. Fica no celular o dia todo, a noite toda. Mas assim, mexer em celulares pra mim eu não sou bem viciado, porque eu sempre, às vezes meu celular fica o dia todo desligado, fica no carregador, eu fico fazendo as coisas e nem mexo, só mexo quando vem alguma coisa, mensagem, alguma coisa importante."
		"Acho que o maior, o maior risco de uso da internet, é esse negócio de fake news essas coisas, porque muita pessoa acredita nisso." "A pessoa também mente de maldade na internet que nem tipo, ela conversa com você, entra no seu psicólogo, aí várias coisas que acontece na internet que várias pessoas vê, aí conversa com a pessoa e fica aí fazendo aquilo. Aí acontece coisa ruim."
		"Eu também gosto de escrever, eu gosto de escrever música também." "Eu tenho uma página no Facebook, mas não publiquei nada de música assim, é porque tô escrevendo." "Eu vejo que fico um tempo escrevendo as músicas no

		celular" "Não eu tava com vontade de desenvolver esse negócio da escrita, pra mim começar a escrever tipo eu gosto de escrever frase pra colocar em fotos da hora."
		"Eu também assim, eu tô aprendendo também a escrever, né? Não, eu sei escrever algumas coisas, né? Tô aprendendo a escrever outras coisas que eu não sei." "Aí quando eu vou mandar mensagem no celular, eu sempre corrijo sempre, eu fico vendo se tá certo antes de enviar mensagem." "Aí eu mando, as vezes que está errado, eu pago e escrevo de novo, ai a pessoa fala porque que você apagou? Eu falo porque eu escrevi errado, aí..."

ID	NOME	SONHOS
E1	Ana	*"Ah eu penso muito em terminar os estudos, né? Acabar aqui, fazer o ensino médio, vou fazer a prova do ENCCEJA esse ano como você me falou." "Vou tentar, se der, passou, se não vou me esforçar o máximo pra mim passar aqui esse ano pra ir pro médio e depois do mês eu queria fazer uma faculdade de jornalismo ou publicidade que é o meu sonho assim meio que trabalhar com a mídia, essas coisas."*
E2	Duda	*"Meu, meus planos, meus sonhos é terminar meus estudos eu também tô grande fazer o IEJA depois que eu tirar minhas dificuldades e quero fazer faculdade, meu sonho é fazer faculdade de moda." "E e também eu quero viajar pelo mundo todo eu nunca o viajei pra fora daqui, então meu sonho é andar pra todo lugar. O primeiro lugar que eu quero conhecer é Paris, os maiores estilistas." "E também como dizer, eu quero ter meu cantinho, eu quero eh ser livre, coisa que eu não sou e mesmo que cê pode sair, mesmo que cê esteja trabalhando sabe quando você não se sente livre?" "E então assim eu meu sonho também é ser livre, tá bem comigo mesma, me amar e ajudar o próximo. Meu sonho é fazer ajudar as crianças a da da África. Meu sonho é fazer coisa comunitária pra ajudar."*
E3	Léo	*"Ah, tá, meu sonho é comprar minha casa." "É, já tem um terreno já. E quero casar, ter um filho mais pra frente,* (inaudível) *uma mulher trabalhadora que vai junto comigo."*
E4	Nina	*"Ah meu sonho é trabalhar em hospital. Terminar os estudos. Mas pra trabalhar em hospital, você tem que estudar bastante."*

E5	Toni	*"Deixa o futuro quieto, o que eu quero fazer, já ta feito, eu só não quero é estudar, eu não quero é estudar mais." "Eu evoluí, mas depois daqui eu não quero estudar mais não, não quero fazer faculdade. Não quero fazer nada não."*
E6	Dan	*"Meus planos é tipo, terminar, terminar aqui o CIEJA, de continuar ou e depois que terminar aqui, continuar em outra escola, se não só terminar o CIEJA e arrumar um um serviço bom assim, construir uma vida e arrumar uma esposa e ter uma casa e lá pra frente filhos e ter uma vida mais melhor do que agora."*
E7	Brenda	*"Voltar a estudar. Quero colocar a bebê na creche e voltar a trabalhar"*

ID	NOME	SAÚDE MENTAL
E1	Ana	*"Não, o único remédio que eu tomei foi pra bronquite. Desde criança é o único que eu tomo."*
		"A dislexia, a minha foi comprovada, mas não me passaram remédio porque eu tinha que ter mais tempo com a psicóloga que eu tava, só que como o convênio fica mudando as coisas não tive tempo de falar com ela pra ela me passar as coisas. Aí como mudou minha mãe já não não quis mais correr atrás porque já estava resolvida ela tinha que resolver de novo, ela falou "não vou mais atrás" e era só comentar o nome dela aí eu acabei nem nem acontecendo nada."
		"Insônia e ansiedade."
		"Eu tenho um pouco de compulsão alimentar, que eu tô tentando tratar em casa..." "hoje em dia eu aceito meu corpo, tipo, eu tô em processo de emagrecimento, tô fazendo uns cooper pra emagrecer, mas hoje em dia eu não tenho mais tipo nenhum problema com ele."
		"Olha, eu gosto de ficar, eu vou pra casa de uma tia onde ela é como uma mãe pra mim. Ela me ajuda muito, ela faz as coisas por mim, a gente faz comida, tipo bolo, doce, a gente pesca desde criança num riozinho que tem lá, escuto bastante música que me deixa mais calma, relaxa e vê filme mas o que me deixa mais em paz é estar fora da minha casa. A não ser quando eu estiver que não tenha ninguém porque aí não tem meu pai então tipo eu acabo ficando em paz."
E2	Duda	*"Eu mesma nunca tomei. Nunca tomei, eu nunca cheguei nesse ponto de precisar tomar, porque eu, então o que eu tomo mais mesmo é só que eu tenho rinite e sinusite. Então não é mais isso."*

		"A minha é mais ansiedade e insônia e também depressão, mas a minha depressão não é profunda, graças a Deus." "E traumas também. Insegurança, tem um monte de coisa minha."
		SOBRE COMPULSÃO*: "A minha é em relação a unha ou então comida muitas vezes eu tenho que atacar comida ou então pegar e me isolar do mundo ficar dia inteiro deitada na cama deprimida."*
		"Eh eu não tenho problema com meu corpo, mas eu tenho inseguranças e também tenho autoestima baixa."
		"A mim o meu refúgio é pegar ou assistir um filme, mas também quando eu tô quieta lá ninguém vai mexer comigo e também eu saio. Eu pego assim pra conhecer lugares porque como eu falei eu minha mãe me liberou um pouco mais velha pro meu conhecer os lugares. Aí eu comecei a pegar sair pros lugares pra eu ficar longe de casa e não pensar nos meus problemas. Então eu pego e saio pra andar, conhecer os lugares, conhecer coisas novas."
E3	Léo	*"Ansiedade sim."*
		SOBRE VÍCIO E COMPULSÃO*: "Não."*
		SOBRE IMAGEM CORPORAL*: "Tenho não. Graças a Deus, não."*
		"Eu faço caminhada, malho, aí ando também."
E4	Nina	SOBRE MEDICAÇÃO: *"Eu tomo desde pequena desde os cinco anos." "Que se eu não tomar, eu fico agitada." "Eu passo na psicóloga, sabe?" "Tomo banho, tomo dois à noite e um também de noite. Pra mim dormir."*
		SOBRE COMPULSÃO*: "Às vezes eu fumo um só, mas às vezes quando quando eu estou com a minha família só." (sobre fumar narguile) "Mas eu não fumo direto."*
		"Fico pensando, tipo eu não tenho pai, sabe? Eu só tenho mãe, porque minha tia morreu, minha vó e meu pai." "Aí fico triste, triste às vezes, porque eu só tenho mãe, né? Aí tem que dar valor a minha mãe enquanto tem, porque depois." "Ah fico triste, né? Mas eu penso que ele está lá no céu."
E5	Toni	SOBRE MEDICAÇÃO*: "Não."*
		SOBRE COMPULSÃO*: "A então eu tenho, porque eu to comendo toda hora."*
		SOBRE FUMAR*: "Não, não fumo."*

		SOBRE CUIDADO COM A SAÚDE MENTAL*: "Como é que é?"*
E6	Dan	*"Eu sinto muita dor nos braços e nas pernas desde pequeno, mas isso aí não é remédio assim que toma, se nós só tomar mesmo pra dor quando está doendo." "Sim, mas não medicação forte, era uma medicação, eu era muito tímido. O médico passou isso pra mim pra impedir mais a timidez" "E só mesmo, só e pra dormir às vezes, mas não tomei pra dormir, eu só tomei uns cinco remédios, mas faz anos isso aí." "Tudo isso, tomei cinco remédios desses, mas eu tomava pra ir pra escola quando cheguei, esse remédio ele dava muito sono em mim. Sempre dormia na escola por causa do remédio."*
		"Remédio controlado essas coisas eu nunca tomei, só mesmo remédio pra timidez ele passou pra mim porque era muito tímido e ele falou que esse remédio ia me ajudar a perder mais a timidez."
		"Fumar eu fumo mas não droga esse negócio não, narguile mesmo." "Sim e tomo cerveja. Essas duas coisas mesmo só." "Narguile é um vício, mas tipo a pessoa não fuma toda hora aí mas eu fumo narguilé mais só as vezes tipo um domingo, no outro, aí passa, ali outro domingo, outro sábado, mas não toda semana. Eu fico cinco, seis dia sem fumar, controlado pra não ficar viciado."
		"Eu costumo, eu costumo tipo, não perceber coisas assim, coisas positivas, eu tento fazer coisa no dia a dia pra mim ficar alegre, pra mim encher minha mente de coisas boas. Aí eu fico nisso, pra não ficar, meio assim, Às vezes me bate assim eh tipo me bate esse negócio, bate tristeza em mim. Porque minha mãe meu pai está longe de mim, meu pai tem dois anos que está na Bahia e eu estou aqui. Estou com saudade dele, do meu dois irmão que está lá. Aí eu fico tentando esquecer e pensar coisas boas pra mim não ficar triste."

ID	NOME	O QUE PRECISA MUDAR NA EJA
E1	Ana	*"Eu acredito que como ter um professor que trabalha em dois, eu acho que ter dois professores é importante porque. Sim. Quando a gente muda pra sala que tem um só eles ficam com dificuldade de ver extraclasse." "Eu acho que ter dois é importante pra revisar as atividades que a gente tem que entregar porque ele tem que já tá ali, o tempo é curto de aula, então tipo, aí eles demoram pra pegar o caderno porque tem que dar aula. Aí quando dá o caderno já bateu a hora de ir embora."*

		"É porque eu acho muito aberto. Tipo dá um conforto de ser muito aberto ao ar livre, mas ao mesmo tempo é é dá um medo por que, que nem, acontece muito assalto, muita coisa, então a gente fica mais ou menos assim."
E2	Duda	*"Pra mim o que eu acho que deveria mudar é ter psicólogo aqui dentro"*
E3	Léo	SOBRE TER DOIS PROFESSORES EM SALA DE AULA*: " Isso mesmo. "*
E4	Nina	*"A única parte que eu não gosto, é o lanche da tarde." "É, tipo às vezes eu como, mas..." "Bolacha eu como em casa."*
E5	Toni	SOBRE O LANCHE DA TARDE*: "Só tem bolacha." "Bolacha e leite. É que antigamente davam pipoca..." "Cada bolacha, compra trakinas, bolacha com recheio."*
E6	Dan	*SOBRE ALGUMA MUDANÇA QUE TENHA QUE TER NA EJA: "Não acho que nada, porque pra tudo que é pra mim tá bom, o reforço, tudo, aula de informática, é, biblioteca pra mim nada porque está tudo certo, tudo que tem aqui."*

ID	NOME	CONTRIBUIÇÕES DA EJA
E1	Ana	*"Os professores são muito atenciosos, a gente vem falar com você, cê ajuda a gente, incentiva, resolve as coisas e também os professores ajudam bastante. Só tem um professor assim que eu acho pra mim, que eu a forma dele de ensinar não é muito legal, mas o restante pra mim é muito bom."*
		"Quando eu tive que vim pra cá, pensei, ah, estudar com pessoas mais velhas, eu acho que vai ser difícil, mas deixa. Mas depois do tempo, eu peguei amor

		porque as pessoas mais velhas já são mais atenciosas, a gente conversa." "A gente que troca umas experiências de vida vamos assim dizer."
		"Eu acredito que como ter um professor que trabalha em dois, eu acho que ter dois professores é importante porque. Sim. Quando a gente muda pra sala que tem um só eles ficam com dificuldade de ver extraclasse." "O tempo é curto, mas a gente entende também que aqui é diferente. Então, a gente entendendo, também fala pras pessoas que trabalham, entre outras coisas."
		"E também o ponto bom é que se a gente não conseguir vir no horário a gente consegue... A gente consegue vir nos outros horários."
E2	Duda	*"Eu acho que eh aqui pra falar a verdade aqui é incrível porque se vocês estão aí pro que a gente precisar, cês ajudam, apoia a gente. Então assim, sim, o nosso sonho pode ser realizado sim... Porque a gente terminando aqui, tirando nossas dificuldades, a gente pode fazer nossas, eh se formar e fazer nossa faculdade."*
		"O que eu mais acho mais legal que é tipo, é que eles são mais jovem do que nós e tá melhor do que a gente, ele também e aí. Se arruma, são tudo assim, conversa, interage e tudo e dão conselhos pra gente também, eles apoiam muito a gente. Falar assim, é, não desista dos seus sonhos."
		"É curto (se referindo ao tempo), é, mas também ajuda pra quem trabalha, querendo ou não. Então, um bom que também teve uma pessoa não desistir dos estudos e também ter como trabalhar."
		"Eles têm mais paciência (se referindo aos professores)." "Meio que te apoiam também e eles ficam ali no seu pé, sabe? Pra você aprender, eles te ensinam. É essas coisas assim."
		"O que me ajuda mesmo é o bilhete único da escola, porque sem isso eu não consegui andar pra nenhum canto..."
E3	Léo	*"É através daqui é ajuda muito né? As pessoas que chegam num sabe nada. Aqui desenvolve muito." "Eles dá motivação pra gente* (as pessoas mais velhas)*." "Esse carinho. Acolhedor…"*
		"Aqui não estuda quem não quer, quem quer…" "Muito melhor aqui" "De ensinar, tipo assim, as letra… Vai ler num quadro, aí você vai ler."

E4	Nina	*"Ah, Eles ensinam a ler e a escrever, isso é bom e você aprende melhor. Que lá no futuro você não precisa estudar de novo."*
		"Porque aqui é melhor, nas outras escolas, eles não ensinavam nada pra mim." "Eles, eles não me ensinava, eles não iam lá na mesa me ajudar." "Eles não faziam isso e agora aqui eles ensinam."
		"Tipo alguma coisa está errada aí chama a pessoa ela fala, não, apaga e faz de novo."
E5	Toni	*"Eu disse que ia aprender normal. Quando eu vim pra cá, eu falei pra minha mãe, mãe eu não aprendo na escola com quase cinco horas de aula, vou aprender em duas horas, quase, claro que não. Quando eu cheguei aqui eu falei, eu pensei comigo, se eu estudar eu vou aprender. Mas ai é mais fácil aprender aqui do que na outra escola." "Porque aqui hoje eu entendi mais."*
E6	Dan	*"O jeito de ensinar daqui pra mim é bom, porque os professores são muito pacientes com o pessoal, eles dão uma atenção pro pessoal pra orientar, pra num fazer arte, pra ele escrever certo na linha, tudo, tudo certo, os professores são bom." "Eu acho que é a paciência, porque tem professores que não tem muito paciência. "*
		"Sim, aprendi bastante aqui no CIEJA e ainda continuo aprendendo. Eu graças a Deus eu aprendi bastante coisa, muitas coisas que eu não sabia, aprendi aqui, tipo, não sabia ler, não sabia escrever direito, aprendi muitas coisas assim. A caligrafia na letra que eu melhorei."
		"Eu gosto tipo, contas, somar, essas coisas também aprendi algumas coisas. Aprendi algumas coisas que pode mudar minha vida agora, na no futuro mudar mais ainda. Se eu continuar no CIEJA, como eu to."

Anexo IV – Ficha Cadastral e Diagnóstico Ciclo I e Ciclo II

FICHA CADASTRAL

MÓDULO_____ÁREA_____PERÍODO____RGA_____DATA____/____/_____

NOME: _____

COMO GOSTA DE SER CHAMADA (O)? _____

IDADE: _____ RELIGIÃO:_____

TELEFONE PARA RECADO: _____

BAIRRO ONDE MORA:_____

NASCEU NA CIDADE: _____ ESTADO: _____

TEM COMPANHEIRA(O): _____ FILHOS:_____ QUANTOS:_____

ESTUDOU EM:_____ ESTADO: _____ SÉRIE:_____

O QUE TE AFASTOU DA ESCOLA: _____

PAROU NO ANO/IDADE: _____ POR QUE: _____

VOLTOU A ESTUDAR POR QUE: _____

O QUE ESPERA DO CIEJA CAMPO LIMPO: _____

PROFISSÃO:_____ SOBREVIVE DE: _____

TRABALHA NO BAIRRO: _____HORÁRIO:_____

NAS FOLGAS VAI/FAZ: _____

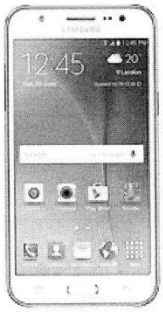
GOSTA DE ESTUDAR SOBRE: _____

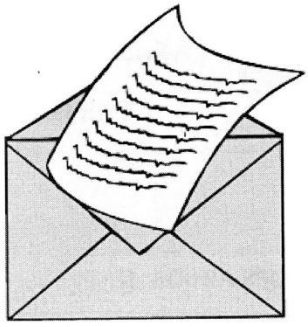
MEU SONHO É: _____

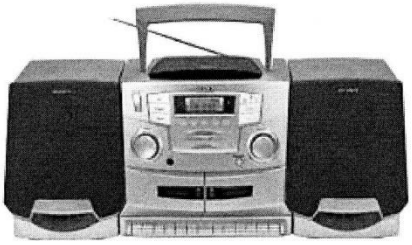
NÃO POSSO REALIZAR MEU SONHO AGORA POR QUE: _____

Nome: _____

1. ESCREVA O NOME DAS FIGURAS:







ESCREVA QUEM É VOCÊ:

(sugestão: Qual importância da comunicação em sua vida?)

2. DESENHE VOCÊ:

MATEMÁTICA

1) CALCULE AS OPERAÇÕES:

Resolva

5 9 + 9	2 3 + 9	3 7 + 3	2 8 + 2
3 4 + 9	3 2 + 4	6 7 + 4	2 8 + 3
5 9 + 3	2 2 + 9	5 9 + 2	9 4 + 5

2) LEIA E ESCREVA OS NÚMEROS:

TREZE	
CINQUENTA E DOIS	
OITENTA	

3) AGORA ESCREVA POR EXTENSO:

12	
37	
98	

4) RESOLVA A SITUAÇÃO PROBLEMA:

ARROZ	R$ 25,00
FEIJÃO	R$ 6,99
ÓLEO	R$ 8,00
AÇUCAR	R$ 4,80
LEITE	R$ 4,19
PAPEL HIGIÊNICO	R$ 17,00
CAFÉ	R$ 15,00
SABÃO EM PÓ	R$ 19,90

5) DONA MARIA FOI AO SUPERMERCADO E COMPROU 2 PACOTES DE ARROZ, 1 DE FEIJÃO E 1 ÓLEO. QUANTO REAIS DONA MARIA GASTOU NO TOTAL DA COMPRA?

6) QUAL O ITEM MAIS CARO?

_____

_____

7) QUAL O ITEM MAIS BARATO?

_____

_____

DIAGNÓSTICO INICIAL – CICLO II

· **Leitura texto:**

Bairro com mais casos de dengue em São Paulo tem acúmulo de entulho

Bairro com maior incidência de dengue em São Paulo, o Lajeado (zona leste) tem acúmulo de entulho e lixo em ruas e em córrego.

Carros abandonados, pneus velhos, móveis jogados e todo tipo de lixo são descartados de forma irregular no curso da água, tornando o local cenário ideal para a proliferação do mosquito *Aedes aegypti*.

Segundo o relatório da Secretaria Municipal da Saúde já são 51 casos de dengue confirmados desde o começo do ano na área. (...)

Com esse índice, é o bairro com maior incidência da doença na capital, seguida pela Barra Funda (zona oeste) e pelo Parque do Carmo (zona leste).

Nas três primeiras semanas deste ano, a cidade teve quase 30 novos pacientes com diagnóstico de dengue por dia. (...)

Fonte: Folha de São Paulo, Caderno Cotidiano, 12 de fevereiro de 2016.

Questões:

1. De acordo com o texto, quais são os tipos de lixo que são descartados de forma irregular?

_____

_____

2. Por que o bairro de Lajeado tem maior número de casos de dengue?

_____

_____

3. Por que em todo começo de ano aumentam os casos de dengue?

_____

_____

_____

_____

4. Quais são as responsabilidades do governo, da população e a sua no combate à epidemia de dengue?

_____

_____

_____

_____

OBSERVE A IMAGEM E RESPONDA AS QUESTÕES

Jean - Folha de S. Paulo
07/11/2008
http://midiadeluta.blogspot.com.br/2008/11/charge-conto-de-fadas.html

1. Por que para as crianças da imagem o direito à moradia é um conto de fadas?

2. Escreva um texto sobre o direito à moradia.

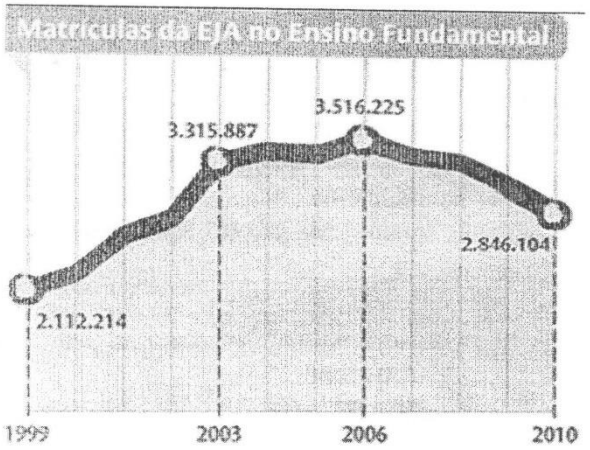
DIAGNÓSTICO MATEMÁTICA

1) O filho de João, guarda moedinhas em um pequeno cofre. Resolveu abrir o cofre e tinha:

- 4 moedas de R$ 1,00
- 9 moedas de R$ 0,50
- 5 moedas de R$ 0,25
- 10 moedas de R$ 0,10

Quanto o filho de João tinha em seu cofre?

2) Voltar a estudar requer coragem e determinação. A EJA – Educação de Jovens e Adultos, é uma opção para aqueles que não puderam concluir os estudos e entendem que voltar a estudar é necessário para seu crescimento pessoal. O gráfico a seguir, informa a quantidade de matrículas na EJA no ensino Fundamental na última década.



a) Em que ano houve o maior número de matrículas na EJA?_____

b) Em que ano houve o menor número de matrículas na EJA?_____

c) Escreva por extenso (como se lê) o número de matrículas referentes ao ano de 2010.

_____

_____

_____

3) Uma maneira de se ter a saúde financeira em seus lares é o controle do orçamento familiar. Observe a tabela de um orçamento doméstico de João:

Despesas	**Valores em reais (R$)**
Aluguel	540,00
Luz	95,00
Água	82,00
TOTAL DE DESPESAS	

a) Calcule o total de despesas do orçamento? _____

b) Se o rendimento de Joâo é de R$ 1.100,00, sobra ou falta dinheiro para as despesas? Quanto?_____

c) Se João gasta R$540,00 por mês com o aluguel, quanto gasta por ano com esta despesa?_____

3) Para diminuir seus custos, João pediu ao proprietário do imóvel um desconto no aluguel de 10%, ou seja, um desconto de R$ 54,00. Porém, o proprietário negou a proposta, mas aceitou dar um desconto de 5%. Qual seria o novo valor do aluguel?